

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Henrique Luis Engel

**O CONCEITO DE LINGUAGEM NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA
DA UFRGS: PERCURSOS DEMARCADOS E EM MARCAÇÃO**

**Porto Alegre
1º. Semestre
2021**

Henrique Luis Engel

**O conceito de linguagem na formação em Pedagogia da UFRGS:
percursos demarcados e em marcação**

Trabalho de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes

Porto Alegre

1º Semestre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Engel, Henrique Luis
O CONCEITO DE LINGUAGEM NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA DA
UFRGS: PERCURSOS DEMARCADOS E EM MARCAÇÃO / Henrique
Luis Engel. -- 2021.
75 f.
Orientadora: Marília Forgearini Nunes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. linguagem. 2. formação de professores. 3.
licenciatura em Pedagogia. I. Forgearini Nunes,
Marília, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

*Dedico este TC de Licenciatura em Pedagogia
para todas e todos os professores deste país.*

*Agradeço
aos meus colegas de curso pelas conversas
e chimarrões partilhados nos espaços da FACED,
à dedicação e seriedade das professoras nas disciplinas cursadas
e, especialmente, pelo olhar atento, exigente e generoso
da minha orientadora Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes.*

“O que é o tempo, então? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei.”

Agostinho de Hipona, Confissões, Livro XI, 17

RESUMO

O presente Trabalho de Curso (TC) de Licenciatura em Pedagogia possui como objetivo identificar qual o conceito de linguagem presente na formação em Pedagogia da UFRGS (modalidade presencial). Para responder à questão, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental de abordagem qualitativa caracterizada pela análise do conteúdo. Estabeleceram-se três ações de pesquisa: primeiro a revisão de literatura sobre o conceito de linguagem, depois a busca por TCs da Pedagogia da UFRGS cujo assunto fosse a linguagem, e que esta estivesse explícita no título e/ou no resumo, para entender de que modo este trabalho se encaixa no conjunto das investigações já realizadas a partir do tema em questão e, por fim, a análise da Bibliografia Básica Essencial indicada nos planos de ensino de três disciplinas da área de linguagem da graduação em Pedagogia (modalidade presencial) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa última ação analítica baseou-se no cotejamento de palavras e expressões identificadas nos livros resenhados com vistas a circunscrever como o conceito de linguagem é compreendido e assumido por cada uma das disciplinas do campo da linguagem. O percurso investigativo realizado indica que o conceito de linguagem é tratado na Licenciatura em Pedagogia com aportes de várias áreas, dada a sua complexidade, especialmente das áreas da Linguística, da Psicologia do Desenvolvimento, da Psicologia Cognitiva, do Construtivismo e da Educação, prevalecendo uma perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem.

Palavras-chave: linguagem; formação de professores; Licenciatura em Pedagogia;

ENGEL, Henrique Luis. **O Conceito de Linguagem na Formação em Pedagogia da UFRGS: Percursos Demarcados e em Marcação.** Porto Alegre: UFRGS, 2021. 75 f. TC (Licenciatura em Pedagogia). – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

Sumário

Sumário	7
1. INTRODUÇÃO	8
2. PERCURSO METODOLÓGICO	12
3. CONCEITOS DE LINGUAGEM	16
3.1 TCS DA PEDAGOGIA SOBRE LINGUAGEM E SUAS PERSPECTIVAS	28
3.1.1 Totalidade dos TCs com a temática ‘linguagem’.	30
3.1.2 - Algumas Inferências a Partir dos TCs Analisados	37
4. LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UFRGS (MOD. PRESENCIAL): PERSPECTIVAS ACERCA DA LINGUAGEM	39
4.1 EDU02136: AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA	40
4.1.1 Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização - Artur G. de Moraes	41
4.1.2 - A criança em desenvolvimento - Helen Bee e Denise Boyd	43
4.1.3 - Reflexões sobre alfabetização - Emilia Ferreiro	46
4.2 EDU02137 - ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	48
4.2.1 - Alfabetização no século XXI - Maluf e Cardoso-Martins	49
4.2.2 - Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade - Luciana Piccoli e Patrícia Camini	51
4.2.3 - Alfabetização: a questão dos métodos - Magda Soares	53
4.3 EDU02161 - LÍNGUA PORTUGUESA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E ANÁLISE LINGUÍSTICA	56
4.3.1 - Ler e compreender os sentidos do texto - Ingedore V. Koch e Vanda M. Elias	57
4.3.2 - Alfabetização: a questão dos métodos - Magda Soares	59
4.3.3 - Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento - Luiz Carlos Travaglia	60
4.4 - RESPONDENDO À QUESTÃO: QUAL O CONCEITO DE LINGUAGEM NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS?	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
POSFÁCIO	67
REFERÊNCIAS	72

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Curso (TC) realizado no contexto da Licenciatura em Pedagogia (modalidade presencial) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nasce de um desejo de compreender o que é linguagem, característica marcante na espécie humana. Pedagogas e pedagogos fazem da linguagem verbal e de seu ensino e de sua aprendizagem uma de suas principais tarefas no processo pedagógico na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O conhecimento acerca da linguagem adquirido ao longo da graduação em pedagogia, principalmente nas disciplinas obrigatórias da área de linguagem são parte do fundamento no qual se baseia nossa futura prática escolar.

Não obstante estarmos envolvidos no mundo da linguagem e nos movermos sem grandes embaraços em seu uso cotidiano desde crianças, quando somos confrontados com a pergunta: O que é linguagem e como ela opera em nossa espécie?, podemos ficar intrigados, sem saber o que responder, ou cairmos no senso comum de dizer que linguagem é comunicação, que é formada por palavras com sentido, que é expressão, etc. Enquanto pesquisadores e pedagogos precisamos consolidar e, ao mesmo tempo, aprofundar nossa compreensão sobre o conceito e temáticas afins a ele, tudo isso, em busca de razões que amparem a nossa prática e venham a contribuir com o fazer didático e a compreensão da língua em torno dos níveis (lexical, frasal e textual discursivo) e planos (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) de abordagem da linguagem considerando suas diferentes variedades de uso.

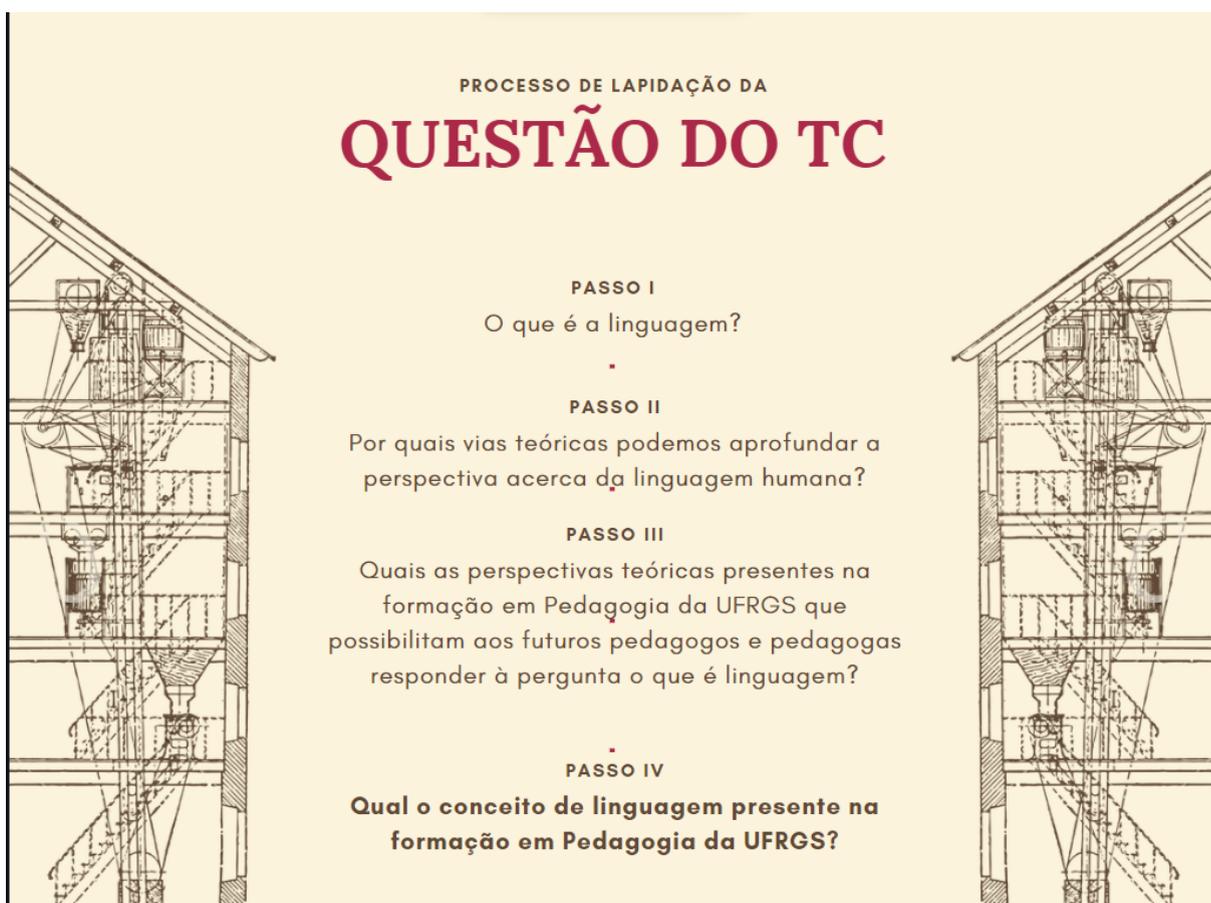
Noam Chomsky (Filadélfia, 1928), professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), responsável por uma revolução teórica e metodológica na Linguística, através da apresentação e discussão de diferentes conceitos de linguagem ao longo da história, afirma que é preciso ter uma definição clara e explícita da mesma e, a partir dela, desmembrar seus diferentes aspectos, os quais possuem nela seu fundamento.

Apenas quando contarmos com uma resposta - ainda que tácita - a essa pergunta [o que é a linguagem] será possível investigarmos questões sérias sobre a linguagem, questões relacionadas à aquisição e ao uso da linguagem, à origem, à mudança, à diversidade e às propriedades comuns das línguas, à ligação entre linguagem e

sociedade, aos mecanismos internos que implementam o sistema, ao próprio sistema cognitivo e seus vários usos, tarefas distintas mas relacionadas. (CHOMSKY, 2018, p. 28)

Do mesmo modo, partimos do pressuposto de que ter um conceito de linguagem definido é condição necessária para um trabalho pedagógico de alfabetização e letramento coerente e definido em suas bases, haja vista estarmos lidando com o ensino e a aprendizagem da linguagem oral e escrita. Assim sendo, este trabalho organiza-se em torno da seguinte pergunta: **qual o conceito de linguagem presente na formação em Pedagogia da UFRGS?** A tarefa de definir a questão de pesquisa se deu de maneira processual, através de interlocuções com as professoras e colegas das seguintes disciplinas: Pesquisa em Educação e Trabalho de Conclusão de Curso I e II. Na imagem a seguir (FIGURA 1) trazemos os passos até chegarmos à versão final da questão central do presente TC:

FIGURA 1 - Artesania da questão do TC



Fonte: Organizado pelo autor.

Nossa pergunta surgiu da consciência da importância desse campo do conhecimento na prática pedagógica e do pressuposto de uma base teórica sólida com vistas a uma prática efetiva em sala de aula, i.e., que alcance os seus objetivos de ensino e aprendizagem. Partindo da premissa de que teoria e prática se retroalimentam, acreditamos que ao consolidarmos e expandirmos nossos conhecimentos teóricos estaremos contribuindo para o aperfeiçoamento da nossa prática cotidiana. O mesmo se dá quando olhamos atentamente para nossa prática e buscamos estabelecer novas relações com os saberes teóricos.

John Lyons¹, em sua obra "Lingua(gem) e Linguística: uma introdução" (2013), estabelece uma analogia entre a pergunta 'O que é a linguagem?' com a questão 'O que é a vida?', feita pelas Ciências Biológicas, no sentido de que mesmo o biólogo estando ocupado no cotidiano com algum problema específico, - não direcionando seu interesse a uma questão tão geral, de natureza até filosófica - essa pergunta cumpre a função de estabelecer os limites da investigação de tal ciência, justificando sua autonomia, e conclui sua análise argumentando que,

Embora se possa dizer que a pergunta "O que é a vida?", nesse sentido, fornece a biologia a sua própria razão de ser, não se trata tanto da pergunta em si, quanto da interpretação particular que o biólogo a ela atribui e do desvendar de suas implicações mais detalhadas dentro de uma estrutura teórica atualmente aceita que alimentam a pesquisa e as especulações diárias desses cientistas. O mesmo ocorre com o linguista em relação à pergunta "O que é a linguagem?" (LYONS, 2013, p.1)

Podemos afirmar que, da mesma maneira, o pedagogo em seu fazer cotidiano em sala de aula, não está preocupado diretamente com a questão 'O que é a linguagem?', mas direciona sua atenção para algum aspecto relacionado a ela, como por exemplo: alfabetização, leitura, escrita, literatura, produção de textos, etc. A realização dessas ações, seu ensino e compreensão sobre como são aprendidas, parte (ou deveria partir) de uma concepção implícita do que seja linguagem, consciente ou não, sendo ela seu guia nas práticas pedagógicas. Sendo assim, o conceito de linguagem torna-se importante de ser abordado na formação em Pedagogia.

A partir desse pressuposto, nosso objetivo será apresentar através de uma pesquisa bibliográfica e documental qual o conceito de linguagem presente na formação em Pedagogia da UFRGS (modalidade presencial) através de uma síntese e análise dos fundamentos teóricos presentes na bibliografia básica essencial das disciplinas de linguagem do referido curso. Para

¹ John Lyons (1932-2020), foi um linguista britânico, com uma vasta obra, se dedicando especialmente a questões relacionadas ao aspecto semântico da linguagem.

tal, trazemos o recorte de três disciplinas que terão parte de sua bibliografia indicada analisada. A escolha por esse conjunto de disciplinas se deu em razão de serem as mais próximas da temática ora estudada e pelo seu caráter obrigatório dentro do percurso curricular. As duas primeiras, EDU02136 - Aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita e EDU02137 - Alfabetização: questões teórico-metodológicas, fazem parte do percurso comum a todos que cursam a Pedagogia na UFRGS. Já a disciplina EDU02161 - Língua Portuguesa: leitura, produção de texto e análise linguística, faz parte do grupo de créditos obrigatórios apenas para alunos que optam pelo Percurso Formativo dos Anos Iniciais com crianças e na Educação de Jovens e Adultos².

O currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade presencial, organiza suas disciplinas conforme a seguinte caracterização: obrigatórias, eletivas e complementares. No conjunto das disciplinas obrigatórias há as que são cursadas por todos os ingressantes no curso até o terceiro período e outras que se organizam em três grupos distintos conforme a área de realização do estágio de docência, constituindo três percursos formativos que são traçados por opção dos estudantes a partir do quarto período: um percurso da Educação Infantil, um percurso dos anos Iniciais do Ensino Fundamental e um terceiro percurso da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, a nossa análise não abarca outras disciplinas presentes na grade curricular que também tratam de linguagem, porque fazem parte dos percursos da Educação Infantil e da Educação de Jovens e Adultos. Justificamos o foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental em razão de ser este o percurso formativo escolhido pelo autor/estudante, e também porque acreditamos que a partir das três disciplinas já teremos como apresentar uma resposta à nossa questão tendo em vista que duas delas fazem parte do núcleo obrigatório independente do percurso formativo escolhido.

Quanto à estrutura do TC, após este capítulo introdutório (Cap. 1), apresentamos uma seção em que se delimita a escolha metodológica (Cap. 2). No Capítulo 3, trazemos uma revisão de literatura sobre o conceito 'linguagem' e de uma análise de resumos de TCs da Pedagogia da UFRGS cujo assunto seja 'linguagem', com o objetivo de ver quais perspectivas são adotadas ao tratar dessa temática e compreender como este trabalho se encaixa no

²Este currículo foi organizado a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura) e para a formação continuada nº. 02 de 01/07/2015. O currículo completo pode ser acessado: [Cursos — UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#) .

percurso investigativo do conceito em foco. A revisão de literatura é organizada tendo a Linguística como principal área de apoio. O Capítulo 4 e suas subseções cotejam o conceito de linguagem presente nas disciplinas do curso de Licenciatura em Pedagogia (modalidade presencial) da UFRGS a partir de referências destacadas nos planos de ensino das três disciplinas explicitadas anteriormente. Por fim, no Capítulo 5 temos nossas considerações finais que retomam a pergunta e resumizam o percurso investigativo reunindo as informações para elaborar algumas considerações que possam responder ao questionamento delimitado neste trabalho. Dito isso, que comece a aventura no mundo da linguagem!

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para responder à nossa questão **qual o conceito de linguagem presente na formação em Pedagogia da UFRGS?**, adotamos uma abordagem qualitativa tendo como estratégia de pesquisa primeiro a revisão bibliográfica e depois a análise documental. Para tal, partimos da escolha dos seguintes documentos como centrais para nosso estudo:

1. Trabalhos de Curso (TC) da Pedagogia da UFRGS (modalidade presencial) cuja temática principal envolvam a área da linguagem.
2. A bibliografia *básica essencial* apresentada nos planos de ensino de três disciplinas da área de linguagem do curso de Pedagogia da UFRGS, duas delas obrigatórias e a terceira alternativa obrigatória conforme o percurso formativo, quais sejam:

2.1 EDU02136 - Aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita;

2.2 EDU02137 - Alfabetização: concepções teórico-metodológicas;

2.3 EDU02161 - Língua portuguesa: leitura, produção de texto e análise linguística.

Justificamos a escolha desses documentos como fonte primária para nosso recorte de análise em razão de sua centralidade para o entendimento do conceito de linguagem na formação em Pedagogia da UFRGS, visto que possibilitam estabelecer o contexto da formação teórica e de demarcar a presença do conceito ao longo da formação docente.

No que tange à escolha das disciplinas da área de linguagens do curso de Pedagogia da UFRGS, optamos por nos centrar nas três disciplinas obrigatórias da Área de Linguagens, já citadas, fundando nossa escolha na sua importância no referido curso e por serem aquelas que tratam diretamente da temática estudada. Através da análise bibliográfica presente nos planos de ensino das disciplinas, trazemos o recorte da bibliografia *básica essencial* informada considerando que esse conjunto de referências é caracterizado como central para o embasamento do conteúdo programático de cada uma delas. É preciso salientar que cada disciplina é composta por três categorias de bibliografia de acordo com a estrutura da súmula: *básica essencial*, *básica* e *complementar*. A bibliografia *básica essencial* é composta por 3 obras nas súmulas analisadas, no entanto, em quantidade total, se somarmos as bibliografias

básica e complementar teremos, em média, mais de 20 obras, denotando uma base bibliográfica bem ampla, exigindo um estudo mais aprofundado do que o que permite um TC.

O primeiro passo investigativo envolve a busca, a seleção e a análise de TCs realizados no contexto da Pedagogia da UFRGS cujo assunto seja linguagem. Para isso realizamos uma revisão no LUME/UFRGS, repositório digital de teses, dissertações, TCs e demais trabalhos acadêmicos, especificamente nos campos de pesquisa 'título' e 'assunto', a partir do termo 'linguagem', abrangendo todo o período histórico disponível na plataforma, qual seja, de 2007 a agosto de 2021. Baseados nesses resultados iremos estabelecer nosso foco na análise dos resumos dos TCs, buscando identificar através do referencial teórico citado e de outros marcadores as concepções acerca da linguagem adotadas e que nos dão um direcionamento sobre como a linguagem vem sendo conceituada no contexto da Licenciatura em Pedagogia da UFRGS.

Segundo Lüdke e André (2013, p. 5), é tarefa do pesquisador estabelecer, de maneira ativa e inteligente, a ponte entre o conhecimento já construído da área e as novas evidências elaboradas ao longo da pesquisa:

Os fatos, os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador. Nem este os enfrenta desarmado de todos os seus princípios e pressuposições. Ao contrário, é a partir da interrogação que ele faz aos dados, baseada em tudo o que ele conhece do assunto - portanto, em toda a teoria disponível a respeito -, que se vai construir o conhecimento sobre o fato pesquisado.

No que tange aos estudos da educação, Lüdke e André (2013, p.6), enfatizam seu caráter de fluidez dinâmica, principalmente em razão do fenômeno educacional estar situado em um dado contexto social e em uma realidade histórica. Assim, esta pesquisa, ao pretender responder à sua questão, o faz a partir da perspectiva de um estudante de pedagogia de uma universidade pública, no início do século XXI, da parte sul do continente americano, falante de Língua Portuguesa.

Assume-se o compromisso do pesquisador com o método científico, a clareza conceitual, coerência argumentativa e honestidade intelectual, porém não se ignora que há um determinado contexto social e cultural delimitando o ponto de vista.

Assim, a sua visão do mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo influenciarão a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa. (LÜDKE e ANDRÊ, 2013, p. 3).

Para a revisão documental e bibliográfica adotaremos como unidades de análise conceitos e sentenças presentes nos textos que permitam inferir qual a concepção de linguagem assumida. Segundo Holsti (1969 *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 2013), as unidades de análise podem ser de dois tipos, quais sejam, unidades de registro e contexto. No primeiro caso, o pesquisador faz a seleção de segmentos específicos para a análise do conteúdo, determinando a frequência das expressões, um tópico, um determinado item, etc. Já na análise das unidades de contexto, é justamente o contexto em que determinada unidade ocorre que será o mais relevante. Ainda, segundo Lüdke e André (2013, p. 49), “[...] o método de decodificação escolhido vai depender da natureza do problema, do arcabouço teórico e das questões específicas da pesquisa.”

Lüdke e André (2013, p.49) enfatizam que para a análise de dados qualitativos se faz importante o rigor intelectual, dedicação, sistematização e coerência entre o esquema de análise escolhido e a questão de pesquisa. Outrossim, afirmam que a escolha das categorias ou tipologias a serem analisadas se dá como ponto culminante do referencial teórico e da organização dos dados. Também é dito que não há normas fixas para essa construção, mas aspectos que aparecem com certa regularidade são fortes indicadores para um primeiro agrupamento em categorias. Outros critérios seriam: homogeneidade interna, heterogeneidade externa, inclusividade, coerência e plausibilidade.

Em suma, para responder a nossa questão de pesquisa **qual o conceito de linguagem presente na formação em pedagogia da UFRGS?** adotaremos como unidades de análise o referencial teórico e a abordagem epistemológica citados pelos autores, bem como a seleção de expressões e frases que indiquem qual a perspectiva adotada diante do estudo da linguagem. Para tal, o material empírico desta pesquisa é composto por: os conceitos de linguagem encontrados em nossa revisão bibliográfica (Cap. 3), os resumos de TCs do curso de Pedagogia da UFRGS cuja temática seja ‘linguagem’ (Cap. 3.1) e a análise da bibliografia básica essencial (Cap. 4) presente nas disciplinas da área de linguagem da graduação em Pedagogia da UFRGS (modalidade presencial).

3. CONCEITOS DE LINGUAGEM

Nesta seção iremos tratar do estado do conhecimento do conceito de linguagem. Para esse delineamento do conceito dois pontos de vista serão adotados: 1) pesquisa em obras de autoria reconhecida no campo dos estudos linguísticos; 2) resumos de TCs realizados no contexto da Licenciatura em Pedagogia da UFRGS que contemplem o conceito de linguagem seja sob o viés do tema ou do objeto de pesquisa. Entendemos que a partir dessas duas perspectivas será possível construir uma hipótese que revele tanto a construção conceitual sobre o que se entende por linguagem bem como o referido conceito é assumido em um contexto investigativo específico em nível de graduação na Licenciatura em Pedagogia da UFRGS.

Perguntar-se pelo conceito de algo, ou seja, conceitualizar, implica realizar um percurso em duas direções. O primeiro, em direção ao interior do que queremos definir, buscando compreender o que ele contém, sua essência, o que o define, enfim, o que não pode faltar na sua expressão. Já a segunda direção vai no sentido externo, pois ela traça um limite, uma demarcação, dizendo o que o conceito não é, cumprindo assim um papel de separação. Esse processo bidirecional será importante para a compreensão das diferentes perspectivas acerca da linguagem nesta seção e no percurso de responder à questão desta pesquisa.

Não se trata apenas de trazer excertos e citações do que outros já falaram, mas desde já estabelecer um diálogo, uma interlocução entre o que foi dito e o que este trabalho tem ou pode vir a dizer. Trata-se de um verdadeiro processo criativo, característico da linguagem humana, afinal, não queremos meramente copiar e repetir o escrito, inspirando-nos no lema latino que diz *sapere aude*, ouse pensar por conta própria. A busca por excertos e definições é realizada em associação ao exercício de pensar, respeitando o método científico, o qual busca os fatos e os analisa com clareza, rigor e consistência.

A seguir apresentamos algumas definições de ‘linguagem’ - organizadas de maneira cronológica - nosso termo em destaque e cujo estudo nos propomos. Em um primeiro momento, as definições podem parecer semelhantes, mas é nos detalhes que veremos as diferenças e similitudes.

Iniciaremos apresentando alguns conceitos de linguagem delimitados por autores que precederam a criação da linguística enquanto área específica do estudo científico da linguagem. Segundo Kristeva (2007, p. 14):

Nascida no século passado - a palavra *linguística* é atestada pela primeira vez em 1833, mas o termo *linguista* já se encontra em 1816[...], a ciência da linguagem avança a um ritmo acelerado, e ilumina sob ângulos sempre novos essa prática que sabemos exercer sem a conhecermos.

Podemos remeter, pelo menos, o início das discussões sobre a linguagem aos antigos filósofos gregos, dos séculos V ao IV a. C., principalmente, nas pessoas de **Platão**³ e **Aristóteles**⁴. Não cabe aqui, no curto espaço de um Trabalho de Curso de graduação, trazer uma síntese de suas obras sobre a linguagem, as quais são, ao mesmo tempo, de uma amplitude e riqueza inigualável. Nosso objetivo não é exaustivo, está centrado no mapeamento de conceitos, por isso cito apenas a compreensão de linguagem apresentada por Aristóteles em sua obra chamada “A Política”, Cap. 1, 1253a⁵:

Pois a natureza, como declaramos, não faz nada sem propósito; e **só o homem entre os animais possui fala (logos)**. A mera voz, é verdade, pode indicar dor e prazer e, portanto, também é possuída pelos outros animais [...], mas a fala é projetada para indicar o vantajoso e o prejudicial e, portanto, também o certo e o errado; pois é propriedade especial do homem, em distinção dos outros animais, que somente ele tenha percepção do bem e do mal, do certo e do errado e das outras qualidades morais, e é a parceria nessas coisas que faz uma casa e uma cidade-estado. [Grifos e tradução nossa].

A preocupação com a linguagem ocupa um lugar privilegiado no mundo grego antigo, seja na *Ágora*, local das assembleias dos cidadãos e da retórica (conhecida como a arte do convencimento), seja no teatro e na literatura, seja na *Paideia*⁶ e por fim na atividade denominada *Philosophia*. Aristóteles foi o precursor da ideia de que *linguagem é som com significado*. Se olharmos para o parágrafo citado acima, vemos a linguagem em sua função social, enquanto capaz de distinguir o justo e o injusto, o bem do mal, separando-se de outras espécies animais justamente pelo seu aspecto simbólico. É preciso ressaltar que Aristóteles usa a palavra grega *logos* para se referir a fala humana, termo esse que possui uma variedade de significados, sendo os principais: fundamento, opinião, pensamento, palavra, fala, razão e

³ **Platão** (428 a. C. - 348 a. C.), foi um filósofo grego, discípulo de Sócrates, abordou em forma de diálogos uma variedade de temas em suas obras, tendo Sócrates como principal interlocutor.

⁴ **Aristóteles** (384 a. C. - 322 a. C.), foi um filósofo grego, discípulo de Platão, precursor do método científico, escreveu sobre uma variedade de temas, dentre eles destacamos: a física, a metafísica, a poesia e o drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia, a linguística, a economia e a zoologia.

⁵Disponível em: [Aristotle, Politics, Book 1, section 1253a](#) Acesso em: 11/10/21.

⁶ **Paideia**: é a denominação do sistema de educação e formação ética da Grécia Antiga, incluía temas como Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História Natural e Filosofia.

discurso.

Realizamos agora um salto histórico para o séc. XVII, quando viveu um cientista chamado **Galileu Galilei**⁷, conhecido hoje por ser o pai da ciência moderna. Galileu, em sua obra “Diálogo sobre os dois principais sistemas do mundo”⁸, 1632, escreve sobre a invenção da linguagem escrita

Eu mesmo já considerei muitas vezes [...] quão grande pode ser a agudeza da mente humana. E quando relato as muitas e maravilhosas invenções que os homens descobriram nas artes como nas letras, e então reflito sobre meu próprio conhecimento, considero-me pouco melhor do que miserável. [...] Se eu olhar uma estátua excelente, digo dentro do meu coração: "Quando você vai poder tirar o excesso de um bloco de mármore e revelar uma figura tão linda nele escondida? Quando você saberá misturar cores diferentes e espalhá-las sobre uma tela ou parede e representar todos os objetos visíveis por seus meios, como um Michelangelo, um Rafael ou um Ticiano?" [...]

Mas, superando todas as invenções estupendas, que sublimidade de espírito teve aquele que sonhava em encontrar meios de **comunicar seus pensamentos** mais profundos a qualquer outra pessoa, embora distantes por poderosos intervalos de tempo e lugar! De conversar com quem está na Índia; de falar para aqueles que ainda não nasceram e não nascerão daqui mil ou dez mil anos; e com que facilidade, **pelos diferentes arranjos de vinte caracteres** em uma página!

Que este seja o selo de todas as invenções admiráveis da humanidade e o encerramento de nossas discussões para este dia. [Grifos e tradução nossa]

A citação de Galileu, revela uma concepção da linguagem como expressão e comunicação do pensamento humano, i.e., centrada na nossa capacidade de criar e associar as mais diversas ideias, além disso, com destaque especial para a linguagem escrita, fruto da criatividade do ser humano. Central é a característica criativa da linguagem presente nessa concepção. Para Galileu a linguagem ao ser capaz de expressar nossos pensamentos mais profundos excede em sublimidade as obras de artistas contemporâneos seus. Ouso dizer que as obras de Michelangelo, Rafael e Ticiano, bem como qualquer outro artista, também são expressão da nossa linguagem, logo não menos sublimes e dignas de admiração. Segundo Chomsky, 2018, p. 34

O reconhecimento e essa maior preocupação com o **caráter criativo do uso normal da linguagem** logo se tornaram um elemento central da ciência/filosofia cartesiana; [...], não há nenhuma razão, hoje, para duvidar da ideia fundamental cartesiana de que o uso da linguagem tem um caráter criativo: ele geralmente é inovador, sem limites, apropriado às circunstâncias, mas não causado por elas (uma distinção crucial), além de poder gerar pensamentos em outros que reconhecem que poderiam

⁷ **Galileu Galilei** (1564 - 1642), foi um cientista astrônomo, físico e engenheiro, pai da astronomia observacional, defensor do heliocentrismo. Suas obras contribuíram para a visão de mundo hodierna.

⁸ Disponível em: [Dialogue Concerning the Two Chief World Systems](#) Acesso dia: 11/10/21.

ter se manifestado. [Grifos nossos]

Wilhelm von Humboldt⁹, em sua obra de 1836, “Sobre a linguagem: a diversidade da construção da linguagem humana e sua influência no desenvolvimento mental da espécie humana” apresenta uma concepção de linguagem em que pensamento e linguagem estão intimamente relacionados.

[...] a linguagem é muito peculiarmente confrontada por um domínio interminável e verdadeiramente ilimitado, a essência de tudo o que se pode pensar. Ela deve, portanto, fazer **uso infinito de meios finitos**, e é capaz de fazê-lo pelo poder que produz **identidade entre linguagem e pensamento**.” (HUMBOLDT, 1988, p. 91 *apud* CHOMSKY, 2018, p. 35) [Grifos nossos]

Charles Darwin¹⁰, em seu livro “A origem do homem e a seleção sexual” , de 1871, argumenta que “os animais inferiores diferem do homem apenas no poder quase infinitamente superior do homem de **associar os sons e ideias** mais diversificados” [Grifos nossos] (DARWIN, 2002, *apud* CHOMSKY, 2018, p. 28). Tal concepção também nos remete ao aspecto criativo da linguagem, como pontuado por Galileu, e a percepção de ser uma característica distintiva da espécie humana em relação aos outros animais, como Aristóteles também frisava.

Mais recentemente, no século XX houve um *boom* nos estudos linguísticos, principalmente a partir dos escritos do suíço **Ferdinand de Saussure**¹¹ reunidos no “Curso Geral de Linguística” (1916), o qual argumenta que o fenômeno linguístico se revela em seus aspectos sempre de maneira ambivalente: sons percebidos pelos ouvidos e órgãos vocais, som (palavras) e ideias (pensamento), dimensão individual e social, sistema estabelecido e em construção. (SAUSSURE, 2006, p.15-16)

Saussure argumenta que “[...] não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas.” (2006, p. 18) O linguista igualmente estabelece uma diferenciação entre o conceito de linguagem e de língua (SAUSSURE, 2006, p. 17): “a linguagem é **multiforme e heteróclica**; [...] ao mesmo tempo **física, fisiológica e psíquica**, [...]; não se deixa classificar

⁹ **Wilhelm von Humboldt** (1767 - 1835), viveu onde hoje é a Alemanha, foi diplomata, filósofo, e fundador da Universidade de Berlim (hoje, Humboldt-Universität).

¹⁰ **Charles Darwin** (1809 - 1882), foi um naturalista, geólogo e biólogo britânico, criador da teoria da seleção natural.

¹¹ **Ferdinand de Saussure** (1857 - 1913), foi um filósofo e linguista suíço, contribuiu para o estabelecimento da linguística enquanto ciência autônoma.

em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir a sua unidade.”
[Grifos nossos] A língua, ao contrário,

[...] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p. 17)

No livro "Lingua(gem)¹² e linguística: uma introdução", do autor John Lyons (2013), somos apresentados a diferentes definições do termo ora estudado, delineadas por cinco autores que sucederam e ampliaram a conceitualização iniciada por Saussure:

Edward Sapir¹³ (1929): “Linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções, e desejos por meio de **símbolos** voluntariamente produzidos”. [...]

Bloch¹⁴ e **Trager**¹⁵ (1942): “Uma língua é um sistema de **símbolos** vocais **arbitrários** por meio dos quais um grupo social coopera.” [...]

Hall¹⁶ (1968): Linguagem é “a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de **símbolos arbitrários** orais-auditivos habitualmente utilizados” [...]

Robins¹⁷ (1979): As línguas são “sistemas de **símbolos...** quase totalmente baseados em convenções puras ou arbitrárias.” [...]

Noam Chomsky¹⁸ (1957): “Doravante considerarei uma lingua(gem) como um **conjunto (finito ou infinito) de sentenças**, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.” (*apud* LYONS, 2013, p. 3-6) [Grifos nossos].

Nos cinco conceitos citados, dois termos se sobressaem: símbolo e arbitrário. Isso nos indica que tanto o caráter simbólico e semântico da linguagem, quanto o convencional e arbitrário são apontados como característica definidora da linguagem por um número amplo de autores. Outros traços definidores citados são: origem não instintiva, caráter social e coletivo e oralidade. Já a definição apresentada por Chomsky remete a aspectos relacionados

¹² O idioma originário do livro é o inglês, o qual possui apenas um vocábulo para o termo linguagem e língua, qual seja, ‘language’, dada essa ambiguidade, o tradutor optou pela grafia do termo dessa forma: ‘lingua(gem)’.

¹³ **Edward Sapir** (1884 - 1939), foi um antropólogo e linguista alemão de origem judaica.

¹⁴ **Bernard Bloch** (1907 - 1965), foi um linguista norte-americano, editor-chefe da renomada revista científica *Language*.

¹⁵ **George L. Trager** (1906-1992), foi um linguista norte-americano.

¹⁶ **Robert A. Hall Jr.** (1911 - 1997), foi um linguista dos EUA, um dos primeiros promotores da linguística das línguas crioulas.

¹⁷ **Robert Henry Robins** (1921 - 2000), foi um linguista britânico, professor de Fonética da Universidade de Londres.

¹⁸ **Noam Chomsky** (1928), é um linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano.

à forma e estrutura da linguagem, a qual seria um conjunto de sentenças potencialmente infinito, formado a partir de elementos finitos (os símbolos alfabéticos e os fonemas).

Julia Kristeva¹⁹, em seu livro "História da Linguagem" (2007, p. 14), afirma que

Cada época ou cada civilização, em conformidade com o conjunto de seu saber, das suas crenças, de sua ideologia, responde de modo diferente e vê a linguagem em função dos moldes que a constituem a si própria.

Segundo Kristeva, enquanto até o séc. XVIII predominava a visão teológica da linguagem e no séc. XIX a abordagem historicista, atualmente “são as visões da linguagem como *sistema* e os problemas do *funcionamento* desse sistema que predominam.” (KRISTEVA, 2007, p. 15). Ainda, segundo a autora, “A pergunta ‘*O que é a linguagem?*’ pode e deve ser substituída por uma outra: ‘*Como é que a linguagem pôde ser pensada?*’.” (KRISTEVA, 2007, p.15) No entanto, feita essa advertência a autora traça seu conceito de linguagem como: “[...] a linguagem é um **processo de comunicação** de uma *mensagem* entre dois *sujeitos* falantes pelo menos, sendo um o *destinador* ou o emissor, e o outro, o *destinatário* ou o receptor.” (KRISTEVA, 2007, p. 17) [Grifos nossos]

Segundo o **Dicionário de Termos Linguísticos**²⁰, disponível no Portal da Língua Portuguesa, linguagem é definido como:

Capacidade humana de comunicar através do uso sistemático e **convencional** de sons, sinais ou **símbolos** escritos. O termo é utilizado para exprimir outros conceitos como os meios de comunicação dos animais ou os sistemas de programação em informática. (2021, documento eletrônico) [Grifos nossos]

Chama atenção que neste verbete temos a menção à linguagem como característica não apenas humana, estando presente também entre animais (âmbito natural), e em máquinas (linguagem artificial), como as produzidas pela área da informática. Será que estes três tipos de linguagem possuem algum traço definidor que os possa unir sob a mesma ideia?

De acordo com o **Glossário Ceale**²¹ de Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores, no verbete ‘Linguagem’, escrito pelo prof. da Universidade de Brasília (UnB), **Marcos Bagno**²², são destacados dois significados:

¹⁹ **Julia Kristeva** (1941), é uma filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista, teórica feminista búlgaro-francesa.

²⁰ [Dicionário de Termos Linguísticos](#) Acesso em: 23/09/2021

²¹ [Linguagem | Glossário Ceale](#) Acesso em: 23/09/2021

²² **Marcos Bagno** (1961), é um professor, doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro. Possui várias publicações na área linguística, abordando em especial a questão das variedades linguísticas.

A primeira é: **faculdade cognitiva exclusiva da espécie humana** que permite a cada indivíduo **representar e expressar simbolicamente** sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento. [...] A segunda definição de linguagem é decorrente da primeira: todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência e do conhecimento. (2021, documento eletrônico) [Grifos nossos]

Daniel L. Everett²³, em seu livro "Linguagem: a história da maior invenção da humanidade" (2017, p. 32), nos apresenta a seguinte definição para o referido conceito:

A linguagem é a interação entre significado (semântica), condições de uso (pragmática), propriedades físicas do inventário de sons (fonética), gramática (sintaxe ou estrutura de sentenças), fonologia (estrutura do som), morfologia (estrutura da palavra), princípios organizacionais conversacionais do discurso, informações e gestos. A linguagem é “gestalt” - **o todo é maior do que a soma de suas partes**, isto é, o todo não é entendido meramente como exame de seus componentes individuais. [Grifos nossos]

Para Everett (2017, p. 22) a linguagem evoluiu de maneira gradual em conjunto com outras características humanas, passando pelo uso de índices (p.ex. pegadas de animais), construção de ícones (objetos com semelhança física, p.ex. imagens) e culminando na criação de símbolos (convencionais e arbitrários). Já o propósito último da linguagem residiria na construção de “comunidades, culturas e sociedades”. (EVERETT, 2017, p. 32).

Segundo **Yuval Noah Harari**²⁴, em seu livro "Sapiens - Uma breve história da humanidade", de um ponto de vista histórico e evolutivo, aponta três teorias mais prováveis sobre o surgimento da linguagem em nossa espécie, (HARARI, 2020, p. 31 a 33), a primeira afirma que:

A resposta mais comum é que nossa linguagem é incrivelmente versátil. Podemos conectar uma **série limitada de sons e sinais** para produzir um **número infinito de frases**, cada uma delas com um **significado diferente**. Podemos, assim, consumir, armazenar, e comunicar uma quantidade extraordinária de informação sobre o mundo à nossa volta. [Grifos nossos].

A segunda teoria concorda com a importância de transmitir informações sobre o mundo, mas acrescenta que o mais importante eram as informações sobre outros humanos.

²³ **Daniel L. Everett** (1951), é um autor e estudioso de línguas indígenas do Brasil, com as quais teve contato direto na Amazônia. Realizou seu doutorado na UNICAMP, atualmente é professor na Bentley University, EUA. Sua tese de doutoramento com o título ‘A língua pirahã e a teoria da sintaxe : descrição, perspectiva e teoria’, pode ser acessada em [Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp: A língua pirahã e a teoria da sintaxe : descrição, perspectiva e teoria](#) .

²⁴ **Yuval N. Harari** (1976) é um professor israelense de História, autor de vários livros.

Nossa linguagem evoluiu como uma forma de fofoca. De acordo com essa teoria, o *Homo sapiens* é antes de mais nada um animal social. A **cooperação social** é essencial para a sobrevivência e a reprodução. Não é suficiente que homens e mulheres conheçam o paradeiro de leões e bisões. É muito mais importante para eles saber quem em seu bando odeia quem, quem está dormindo com quem, quem é honesto e quem é trapaceiro. [Grifos nossos].

Por fim, uma terceira teoria afirma que a característica única da linguagem dos *Homo sapiens* seria a capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem:

Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva. Antes disso, muitas espécies animais e humanas foram capazes de dizer: “Cuidado! Um leão!”. Graças à Revolução Cognitiva, o *Homo sapiens* adquiriu a capacidade de dizer: “O leão é o espírito guardião da nossa tribo”. **Essa capacidade de falar sobre ficções é a característica mais singular da linguagem dos sapiens.** [...] Mas a ficção nos permitiu não só imaginar coisas como também fazer isso *coletivamente*. Podemos tecer mitos partilhados, tais como a história bíblica da criação, os mitos do Templo do Sonho dos aborígenes australianos e os mitos nacionalistas dos Estados modernos. Tais mitos dão aos sapiens a capacidade sem precedentes de cooperar de modo versátil em grande número. [Grifos nossos].

Harari nos apresenta a linguagem humana basicamente como uma capacidade de transmitir e criar informações e sentido, sejam sobre os objetos que nos cercam, o círculo social do qual fazemos parte, seja sobre criar sentido e enredos sobre coisas que não vemos, um mundo simbólico exclusivamente nosso, de nossas mentes, e o que é mais incrível, um mundo partilhado por muitos membros da nossa espécie, enfim, uma vasta e diversa realidade intersubjetiva, a qual nos permitiu cooperar de maneiras cada vez mais complexas, criando sistemas de valores, religiões, costumes, sistemas políticos e tudo que faz parte da cultura humana.

Cecília M. A. Goulart²⁵, em seu texto "A Linguagem como atividade" (2020, p. 21), inspirada no pensamento de Lahud (1979) e Franchi (1992), compreende a linguagem como **“o tratamento simbólico da realidade”** (Grifos nossos), i.e., como organizadora e formadora do conteúdo das experiências humanas, anterior à função de comunicação, mas sem excluí-la:

[...] antes de ser para a comunicação, a linguagem é para a elaboração; e antes de ser mensagem, a linguagem é construção de pensamento; e antes de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências. (FRANCHI, 1992, p. 25 *apud* GOULART, 2020, p. 23).

²⁵ **Cecília M. A. Goulart**, brasileira, doutora em Letras, é professora na Universidade Federal Fluminense, trabalha nas áreas de Educação e de Linguística Aplicada ao Ensino de língua portuguesa. Suas pesquisas estão relacionadas aos seguintes temas: alfabetização; ensino e aprendizagem da língua portuguesa, com ênfase no trabalho com o discurso na escola; práticas escolares/ práticas discursivas na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos.

Em trabalho recém publicado na ANPED (2021)²⁶, intitulado ‘Grupos de pesquisa e as tendências na ancoragem teórica para a alfabetização’, sob autoria de Maria Aparecida Lapa de Aguiar (UFSC), ao analisar teses e dissertações de 13 grupos representativos de várias universidades e regiões do país voltados para o estudo da alfabetização nos anos iniciais, sob os descritores ‘alfabetização’ e ‘linguagem’, chegou-se na conclusão da

[...] recorrência das abordagens de Vigotski (2007, 2008, 2012) e Bakhtin (1997, 2003) na produção investigada, indicando a tendência de uma concepção específica de linguagem como interação humana, forjada nas relações sociais, no movimento da vida [...]. (AGUIAR, 2021, p. 5).

Luiz Carlos Travaglia²⁷ (2009, p.21-23), a partir dos estudos da linguística, aponta três possibilidades mais comuns de se conceber a linguagem.

1. **Linguagem como expressão do pensamento** (*gramática normativa ou tradicional*): nesta perspectiva a linguagem surge no interior da nossa mente (aparelho cognitivo), baseada nas leis da psicologia individual. Assim, há regras a serem seguidas, exteriorizadas nas normas gramaticais. Ela é vista como algo monológico e individual, não sendo afetada pelo contexto e pelas circunstâncias. O autor cita Bakhtin como sendo um expoente dessa visão.
2. **Linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação** (*transformacionalismo e estruturalismo*): caracterizada pelo uso convencional de um código, fundado em regras comuns, transmitida de um emissor para um receptor. Como ato social, requer no mínimo duas pessoas. Perspectiva formalista, preocupada com o funcionamento interno da língua. Defensores desta perspectiva são Saussure e Chomsky.
3. **Linguagem como forma ou processo de interação** (*linguística da enunciação*): não se trata apenas de exteriorizar pensamentos (informações), mas estabelecer uma relação intencional por meio da linguagem com um outro, sendo importante o

²⁶ Devo este artigo ao olhar atento da minha orientadora Profa. Dra. Marília F. Nunes. Os dois autores apresentados no artigo de Aguiar (2021), quais sejam, Vigotski e Bakhtin, não constam em nossas pesquisas. Mesmo assim julgamos importante fazer a inserção do mesmo pela sua pertinência.

²⁷ **Luiz Carlos Travaglia**, brasileiro, professor de Língua Portuguesa e Linguística e pesquisador do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Possui várias publicações sobre a área da linguagem.

contexto. A interação verbal é central nesta perspectiva, ou seja, o diálogo. Teorias que adotam esta perspectiva são a Análise do Discurso, Pragmática, etc.

Helen Bee²⁸ e **Denise Boyd**²⁹ (2011, p. 239-243), a partir da psicologia do desenvolvimento, também citam três correntes teóricas para explicar o desenvolvimento da linguagem:

1. **Teorias Ambientais:** aprendemos a linguagem por imitação e pelo reforço (Skinner). O ambiente linguístico é muito importante nesta perspectiva. No entanto, ela não explica como as crianças criam palavras que nunca ouviram. Dados apontam que crianças expostas a uma linguagem ‘pobre’ nos primeiros 4 anos de vida possuem mais dificuldade para recuperar esse atraso posteriormente, denotando a importância de um ambiente linguístico rico nos primeiros anos de vida de uma pessoa, e apontam a leitura para crianças como algo positivo nesse processo.
2. **Teorias Nativistas:** a linguagem é algo inato, assim a criança já nasce com os instrumentos de que necessita para aprender a língua, com um *conjunto de princípios operantes fundamentais*. Defensores desta perspectiva são Noam Chomsky e Dan Slobin.
3. **Teorias Construtivistas:** a linguagem seria parte do processo mais amplo de desenvolvimento cognitivo, ambos seriam interdependentes. Nessa perspectiva são usados aportes das duas anteriores, temos assim uma visão integrada do desenvolvimento da linguagem.

Em suma, o que podemos inferir a partir dos aportes sobre a compreensão do conceito de linguagem que destacamos? Trata-se de um campo em construção que assume contribuições de distintas áreas, como a linguística e a psicologia, principalmente. Algumas são antagônicas, como as teorias ambientais e nativistas da psicologia, e as que veem a linguagem como expressão do pensamento ou como forma de interação, na linguística. Proponentes que bebem de ambas as fontes são as perspectivas construtivistas.

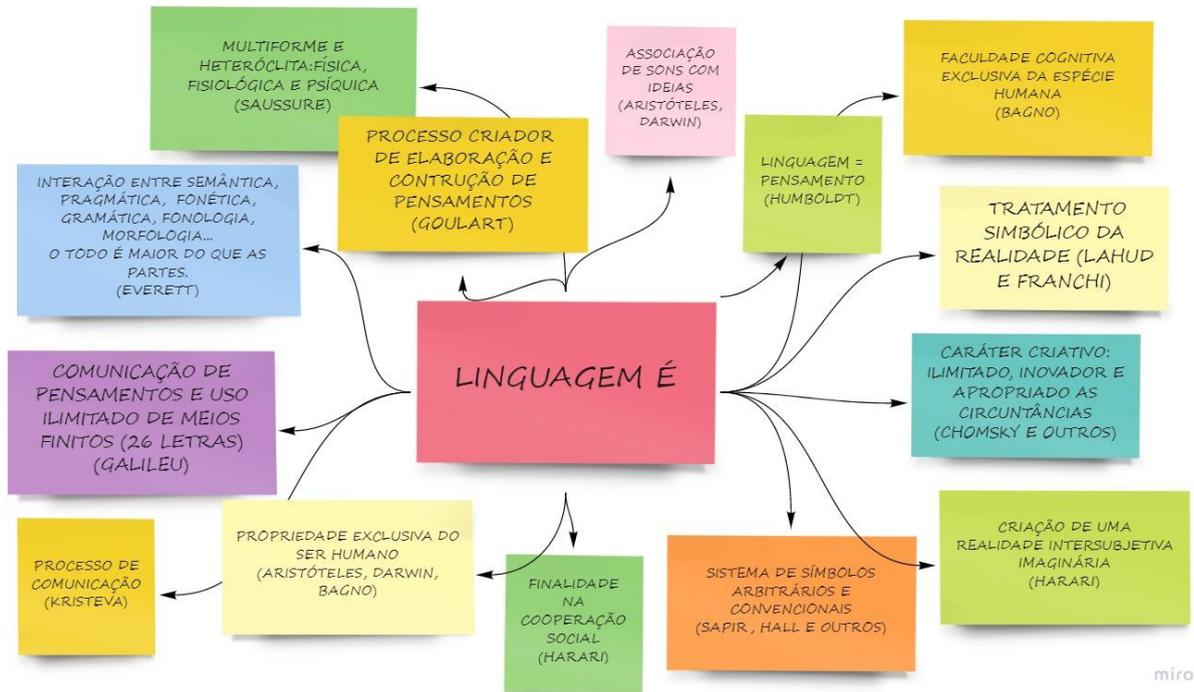
²⁸ **Helen Bee** (1939) é uma psicóloga estadunidense, autora de vários livros sobre desenvolvimento humano.

²⁹ **Denise Boyd**, EUA, formada em psicologia, atualmente é coordenadora do programa de psicologia no Houston Community College.

No que tange aos conceitos de linguagem citados, também se pode dizer que alguns traços são recorrentes no seu entendimento: o caráter simbólico, predominantemente sonoro e notacional (símbolos escritos), o uso convencional e arbitrário, fundado na faculdade cognitiva da espécie humana, com finalidade comunicativa e social, potencialmente infinita na combinação entre sons (ou palavras, sinais visuais e táteis) e a capacidade de criação e atribuição de sentido, seja aos conceitos, aos objetos, aos contextos e ao mundo.

É preciso pontuar que a revisão de literatura feita não pretende ser exaustiva, mas oferecer um recorte de conceitos encontrados ao longo de nossa pesquisa que procurou destacar autores importantes na área de linguística e letras, por vezes, relacionados, com maior ou menor ênfase, à área da educação. Dito isso, apresentamos a seguir um mapa conceitual com os principais predicados encontrados em relação ao termo linguagem, os quais encontram-se grifados ao longo desta seção:

FIGURA 2 - Conceitografia do termo 'linguagem'.



miro

Fonte: produzido pelo autor

3.1 TCS DA PEDAGOGIA SOBRE LINGUAGEM E SUAS PERSPECTIVAS

O recorte que trazemos para nossa análise a partir deste ponto são TCs realizados no contexto da Licenciatura em Pedagogia³⁰ (modalidade presencial) disponíveis para acesso no repositório digital LUME/UFRGS. O recorte feito para a busca utilizou na primeira investida o termo ‘linguagem’ no campo de pesquisa 'título'. Tal método de busca resultou em 4 trabalhos. Uma segunda varredura com o mesmo termo no campo ‘assunto’, apontou 11 trabalhos no resultado. Somando os resultados dos conjuntos de cada busca, subtraindo dois trabalhos repetidos, obtivemos um conjunto de 13 trabalhos que foram coletados para nossa análise. Essa análise volta-se a identificar nos resumos unidades de registro e expressões que indiquem explícita ou implicitamente a perspectiva teórica acerca da linguagem que é adotada como base do estudo apresentado, o que acaba por nos revelar o conceito de linguagem que serve de base bem como o referencial teórico principal.

Consideramos pertinente pontuar que dos 1116 Trabalhos de Curso da Pedagogia na UFRGS disponíveis para acesso no LUME/UFRGS, temos um grande número (313 TCs) cuja temática tangencia o conceito de linguagem a partir de diferentes aspectos, seja como um processo, uma ação ou um objeto empírico. Os resultados³¹ estão descritos no **Quadro 1**:

QUADRO 1 - TCs com temáticas na área da linguagem a partir do campo de pesquisa ‘assunto’.

Tema	Número de TCs
Alfabetização	112
Leitura	48
Letramento	45
Escrita	40
Literatura Infantil	40
Linguagem	11

³⁰ Considerando o currículo anterior à 2018/2 que foi organizado a partir das DCNs de 2006.

³¹ Resultados obtidos em setembro de 2021.

Produção de Textos	11
Total	313

Fonte: Organizado pelo autor

Nossa atenção agora se volta ao conjunto de 13 trabalhos selecionados a partir do termo 'linguagem' no título e no assunto, cujos resumos foram lidos com vistas a cotejar o conceito de linguagem seja a partir de uma definição explícita, de uma referência teórica ou de uma expressão que revele algum efeito de sentido relacionado à perspectiva conceitual de linguagem que é assumida. O Quadro 3 apresenta o conjunto geral desses trabalhos. Os resumos foram transcritos na sua íntegra e destacamos as unidades de análise utilizando a seguinte legenda (FIGURA 3)

FIGURA 3 - Organização da legenda conforme as unidades de análise.

	Referências Citadas;
	Palavras próximas ao campo semântico do termo 'linguagem'; e
	Definições de 'linguagem' explícitas.

Fonte: organizado pelo autor.

3.1.1 Totalidade dos TCs com a temática ‘linguagem’.

Segue abaixo a Quadro 3 com o conjunto dos 13 trabalhos encontrados nos campos de pesquisa ‘assunto’ e ‘título’ a partir do termo ‘linguagem’:

Quadro 2 - Totalidade dos TCs com a temática ‘linguagem’

Nr.	Título	Autor/a	Ano/ Modali- dade	Resumos ³²
1	Práticas de leitura, escrita e oralidade : letramento com alunos alfabetizados	PEREZ, Nicole Fischer	2013/ Presencial	O estudo discute como as práticas de leitura, escrita e oralidade em turmas de 3º a 5º ano são planejadas e desenvolvidas por um determinado grupo de alunas estagiárias da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 2013/1, em seus estágios obrigatórios. Tem como objetivo identificar e analisar tais práticas pedagógicas com alunos alfabetizados, que ocorrem entre 3º e o 5º ano do ensino fundamental de nove anos. Esta pesquisa é de caráter qualitativo e utiliza ferramentas de estudo de caso, contando com entrevistas semiestruturadas realizadas com três alunas estagiárias. Foram analisados, também, seus diários de classe, a fim de entender como tais planejamentos foram construídos e desenvolvidos, e se os objetivos a que cada estratégia de ensino se propõe foram alcançados na perspectiva da leitura, escrita e oralidade. Como referencial teórico, foram utilizadas pesquisas de autores como Street e Lefstein (2007 apud PICCOLI 2009) e Cafiero (2007), na área do letramento, e Soares (2003), na área da alfabetização. Os dados gerados inferem que as alunas estagiárias julgam que as atividades desenvolvidas contemplam em grande parte os objetivos propostos. Ainda evidenciou-se a influência que as orientadoras exercem na escolha dos materiais de apoio pedagógico utilizados para a construção do planejamento semanal.

³² Grifos meus.

				Palavras-chave: Letramento. Prática de Leitura, Escrita e Oralidade. Formação de Professores
2	Aprendendo com todas as formas de vida do planeta : educação oral e educação escolar Kanhgág	CARDOSO, Dorvalino	2014/ Presencial	<p>Este trabalho trata da organização social do povo indígena Coroados/RS (kanhgág), sua história, sua educação, a escola indígena, a proposta pedagógica diferenciada, os profissionais, o bilinguismo, a inclusão e a interculturalidade. Tem como objetivos discutir a educação oral indígena para um bom equilíbrio no ciclo de sua vida e a ligação desta com a educação escolar, para um registro das práticas de oralidade e a relação com a escrita na língua originária. O estudo é feito a partir da vivência na comunidade e da experiência como professor e liderança kanhgág, bem como da trajetória de estudante até à universidade. Também foram ouvidas pessoas mais velhas (Ti Si Ag) e os pajés (Kujá), valorizando seus conhecimentos e suas sabedorias. O estudo conclui que no início a escola prejudicou o povo kanhgág como, por exemplo, ao impor a língua nacional. Mas aos poucos o povo está se apropriando da política e começa a usar a escola para seu benefício: alfabetizando na língua materna, valorizando e praticando a oralidade bem como seu registro escrito, professores atuando com protagonismo, escolas sendo legalizadas e mudando seus nomes para outros com significado indígena. Complementa o trabalho escrito um CD, contendo o depoimento do autor, que relata sua trajetória de estudante e de professor, descreve a escola indígena diferenciada e aponta possibilidades para a educação indígena. Esta é uma forma de valorizar a oralidade na produção e transmissão de conhecimentos como expressão kanhgág.</p> <p>Palavras-chave: Educação kanhgág. Oralidade. Educação Escolar Indígena. Bilinguismo.</p>
3	Articulando conhecimentos socioculturais, matemática e língua na EJA	OLIVEIRA, Carla Teresinha Gil de	2019/ Presencial	<p>Este estudo trata, na primeira parte, de reflexões sobre práticas matemáticas desenvolvidas em uma escola de Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de Porto Alegre durante meu Estágio de Docência no ano de 2019. A partir das reflexões, indico dois aspectos para direcionar um estudo bibliográfico: 1) integração das práticas matemáticas com práticas de leitura, de escrita e de língua oral; 2) incorporação de conhecimentos socioculturais dos estudantes nas práticas matemáticas, centralmente nos problemas matemáticos escolares. Na segunda parte deste trabalho, apresento o estudo bibliográfico realizado com o objetivo de construir um conjunto de princípios educativos imprescindíveis para desenvolver uma docência que: 1) articule práticas matemáticas com práticas de leitura, de escrita e de oralidade, e 2) incorpore e tenha como centro os conhecimentos socioculturais dos estudantes que se escolarizam na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Os princípios educativos construídos e explicados foram: 1) Priorizar atividades pedagógicas com espaços para diversas linguagens; 2) Planejar atividades focadas em diferentes gêneros textuais e 3) Considerar atividades pedagógicas com características de interdisciplinaridade, nas quais os estudantes tragam seus conhecimentos adquiridos nas diversas vivências sociais.</p> <p>Palavras-chave: Conhecimentos Socioculturais. Linguagens. Educação Matemática. Educação de Jovens e</p>

				Adultos.
4	A construção de narrativas por crianças de segundo ano do ensino fundamental	COSTA, Manoela Caurio da	2010/ Presencial	<p>O presente trabalho tem como foco minha prática docente do sétimo semestre do Curso de Pedagogia, desenvolvida em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre. Contextualiza e investiga a escrita de narrativas da turma em questão. Busca identificar as marcas de experiências culturais nesses escritos e a presença de diferentes elementos linguísticos do narrar e suas recorrências. Insere-se nos estudos sobre linguagem e alfabetização, mais precisamente sobre a produção textual de narrativas. Tem como autores referência Dalla Zen (2006), Jolibert (1994), Abaurre (1997), Fiad (1997) e Sabinson (1997). A pesquisa, de cunho etnográfico, apresenta características do estudo de caso, por ter sido realizada em um contexto específico. Após uma análise inicial, destaco que a escola deve abrir espaços para a produção textual desde os primeiros anos escolares, assim como explorar o conhecimento prévio do aluno para a escrita de textos. As produções analisadas, mesmo sendo de crianças em processo inicial de alfabetização, evidenciam emprego de recursos linguísticos tais como pontuação e elementos de coesão. Apontam, também, elementos das experiências culturais dos escreventes, a exemplo: o conhecimento de enredos de histórias ouvidas e lidas, dentre outras vozes do cotidiano desses alunos.</p> <p>Palavras-chave: Linguagem. Alfabetização. Produção de Narrativas Escolares</p>
5	Bilhetes escolares : intermediando aprendizagens	FLOR, Maria do Carmo Sant'anna	2012/ Presencial	<p>Este trabalho foi desenvolvido para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apresenta como foco de análise bilhetes escolares que crianças de um quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual de Porto Alegre, escreveram para sua professora de forma espontânea, durante o período do estágio curricular docente. Tem como objetivo analisar se a troca de bilhetes favoreceu o desenvolvimento e a aprendizagem da escrita e da leitura do gênero bilhete, do uso de diferentes recursos gramaticais, da expressão e da comunicação, da qualificação da escrita ortográfica. Ou seja, buscou-se examinar se a escrita espontânea funciona como um facilitador no processo de ensino-aprendizagem em linguagem. O aporte metodológico utilizado foi a abordagem qualitativa da pesquisa documental. As análises desenvolvidas, a partir de autores como Kaufman e Rodríguez, Drey e Silveira, Geraldi, Dalla Zen e outros, possibilitaram a observância nos textos infantis das marcas de aprendizagens efetivadas, como domínio do gênero bilhete, recursos e hipóteses de linguagem utilizadas e capacidade de comunicação e expressão através da escrita, bem como o desenvolvimento de um ambiente mais afetivo no grupo.</p> <p>Palavras-chave: Bilhetes Escolares. Aprendizagem. Linguagem.</p>
6	Um estudo	DUARTE, Máira	2012/ Presencial	<p>Esta pesquisa, que parte do pressuposto de que uma sequência didática potencializadora de ideias pode desenvolver a compreensão leitora de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, se propõe a investigar</p>

	sobre a potencialização da compreensão leitora	Abrunhoza de Martini		<p>em que situações de aprendizagem é possível identificar indícios desta compreensão. Para responder a essa questão orientadora do estudo, a pesquisa vale-se da concepção de linguagem como processo de interação e produção de sentidos. Assim, a leitura é entendida a partir de uma abordagem sócio-interacionista e psicolinguística. Para tanto, e tendo em vista que a investigação se caracteriza como sendo de abordagem qualitativa, a metodologia toma por base a análise de sequências didáticas de leitura registradas em meu Diário de Classe, bem como a elaboração e realização, em 2012, de três aulas de leitura em uma turma do 4º ano de uma Escola da Rede Pública Estadual de Porto Alegre/RS, a mesma com a qual estagiei em 2011. A partir dos dados produzidos, verifica-se a importância de uma sequência didática planejada, rica em possibilidades de relações sobre a diversidade de aspectos temáticos, estruturais e discursivos de um gênero textual específico e com intervenções provocativas dos processos de inferência. Sob minha ótica, a consideração dessa perspectiva linguístico-pedagógica pode fazer avançar a competência leitora de alunos da citada etapa de ensino.</p> <p>Palavras-chave: Leitura. Sequência Didática. Compreensão Leitora.</p>
7	'Tu não vais entender o que vou escrever, mas vou escrever mesmo assim': um olhar pedagógico sobre a dislexia	ESCHER, Celine Lehmann	2010/ Presencial	<p>O presente estudo apresenta como foco as dificuldades de leitura e escrita evidenciadas de forma mais acentuada em algumas crianças durante a escolarização inicial. Tem por objetivo promover um diálogo entre diferentes campos investigativos que abordam tais dificuldades, em especial a dislexia. Visa, portanto, agregar conhecimentos que enriqueçam interpretações do processo de aprendizagem da leitura e da escrita em suas complexidades. Inscreve-se no campo dos Estudos Linguísticos aplicados à educação e adota uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, por ter sido desenvolvido com uma aluna do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre, a qual apresenta diagnóstico médico e fonoaudiológico de dislexia. A pesquisa tomou como referencial teórico os estudos de MASSI (2004), CORSO (2008), DALLA ZEN (2010), entre outros. Utilizou-se de observações de campo e de sessões nas quais foram realizadas intervenções pedagógicas envolvendo leitura e escrita para obtenção de dados empíricos. As análises desenvolvidas confirmam as dificuldades enfrentadas pela aluna em suas produções, mas possibilitam também a discussão sobre um conjunto de fatores que podem favorecer (ou não) a superação ou, pelo menos, a minimização das chamadas dificuldades. Destacou-se como possibilidade para tal superação um trabalho sistemático, diferenciado e complementar de leitura e escrita na escola.</p> <p>Palavras-chave: Linguagem. Dislexia. Intervenção Pedagógica.</p>
8	Professores nus : os professores	FERREIRA, Bruna Santos	2008/ Presencial	<p>O presente trabalho propõe uma reflexão a respeito da relação professor-aluno nos cursos de Pedagogia, procurando investigar em que medida os professores avaliam-se como sujeitos leitores e objetos de conhecimento - conteúdos-linguagem - de si mesmos, de e para seus alunos, a partir de suas práticas docentes, do lugar que ocupam e do papel que desempenham no processo de formação de seus alunos. O</p>

	formadores como conteúdo-linguagem de e para seus alunos			<p>referencial teórico utilizado fundamenta-se, basicamente, na concepção de Junqueira Filho (2004, 2005, 2006, 2008) de conteúdo como linguagem, na articulação de seus estudos sobre a Semiótica de C.S. Peirce e princípios pedagógicos de seleção e articulação de conteúdos. A pesquisa, de cunho qualitativo, valeu-se da aplicação de questionários e da realização de entrevistas junto a docentes que atuam como formadores nos cursos de Pedagogia de universidades da cidade de Porto Alegre e de cidades de sua zona metropolitana. A análise realizada com os dados coletados também se apóia em autores como Cunha (1989), Pereira (1996), Meirieu (2002), Pinto (1982), dentre outros. A partir da análise, foi possível constatar que os professores, apesar de saberem da importância de suas atitudes e procedimentos na formação dos alunos, priorizam, no ensino superior, a transmissão de conhecimentos disciplinares. Constata-se ainda que os professores de cursos de Pedagogia sabem-se aprendidos em suas didáticas e prática docente, todavia, não se colocam explicitamente como um conteúdo a ser ensinado.</p> <p>Palavras-chave: Formação de Professores. Relação Professor-Aluno. Conteúdos. Linguagem.</p>
9	Entre riscos e rabiscos : a visão das crianças sobre o desenho	VOLKMER, Daiane Carine	2014/ Presencial	<p>O desenho faz parte do cotidiano escolar da Educação Infantil, criado pelas crianças nos vários meios que encontram para deixar suas marcas, como papéis, paredes, painéis, mesas e até mesmo no chão. Nesta pesquisa busca-se entender o que as crianças pensam sobre o desenho e o ato de desenhar. Com esse propósito, foram realizados oito encontros onde foi desenvolvido um conjunto de propostas pedagógicas e conversas com crianças, em uma turma com 22 alunos, de faixa etária entre quatro anos e seis meses a seis anos de idade, de uma escola de Educação Infantil da rede privada da cidade de Porto Alegre. Para aprofundar as reflexões sobre conceitos de desenho como linguagem e cultura foram utilizados os estudos de autores como Cunha, Derdyk e Iavelberg. Em estudos anteriores sobre desenho infantil, entendia-o de forma desenvolvimentista, onde uma etapa sucedia a outra evolutivamente. Nesta pesquisa procura-se compreendê-lo de forma mais ampla, ficando evidenciado que as crianças produzem os seus desenhos e pensamentos sobre os mesmos influenciadas pelas experiências, modelos e normas culturais do grupo onde estão inseridas, ao mesmo tempo em que imprimem as suas marcas individuais e afirmam a sua identidade. Nesta perspectiva, amplia-se as formas de ver o desenho das crianças e as suas produções de expressão visual, além de contribuir para modificar as experiências e práticas que, como docente, venho realizando com as crianças acerca dos desenhos.</p> <p>Palavras-chave: Desenho Infantil. Educação Infantil. Linguagem.</p>
10	Quem conta um conto... aumenta um	SOUZA, Daniela de Oliveira	2010/ Presencial	<p>O presente trabalho decorre das experiências do Estágio de Docência do Curso de Pedagogia da UFRGS, realizado em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual da cidade de Porto Alegre/RS, em 2010/1. Neste período foi desenvolvido um projeto de leitura e escrita baseado em versões dos contos de fadas clássicos. Desta prática nasceram as narrativas escritas, foco desta investigação. Portanto, o objetivo da mesma é analisar as marcas/traços de tais narrativas, identificando quais os vestígios das histórias</p>

	ponto! marcas textuais nas escritas infantis			<p>lidas e ouvidas nessas escritas infantis. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, inscrita no campo da linguagem e da literatura infantil, com características de um estudo de caso, pois leva em conta o contexto específico em que o estudo se situa. O modo de tratamento dos textos constituintes deste trabalho apóia-se no paradigma indiciário, visto que busca o dado singular, o indício para construir interpretações possíveis. Esta pesquisa teve como mediadores teóricos autores como Sandoval Nonato Gomes-Santos, Mikhail Bakhtin, Maria Isabel H. Dalla Zen, entre outros. As análises permitiram confirmar a suposição de que há marcas nos textos escolares, que apontam efeitos/ecos do que já foi dito, ouvido, lido, evidenciando que os escreventes se apropriam de aspectos constituintes do gênero contos de fadas.</p> <p>Palavras-chave: Linguagem. Literatura Infantil. Narrativas Escritas.</p>
11	Encontros com a fantasia : a linguagem e a infância na obra de Gianni Rodari	CERONI, Bianca Costa	2011/ Presencial	<p>Este trabalho analisa de que maneira as noções de Infância e Linguagem circulam na obra de Gianne Rodari e quais articulações são possíveis a partir dessas. Configura-se em um estudo de abordagem qualitativa, do tipo análise documental, cujas ferramentas analíticas são as noções de infância e linguagem em duas obras e uma entrevista do referido autor. Elencou-se três eixos de análise, a saber: Todos os usos da palavra a todos: a potência da palavras e da linguagem na obra de Gianni Rodari, no qual problematizou-se o uso da palavra, bem como a linguagem como instrumento de autonomia e de ação à realidade. No segundo, Um poeta a favor da infância- a infância como experiência, analisou-se a noção de infância a partir de uma infância ativa e produtora de cultura, relacionada com conceitos de experiência segundo Kohan e Larrosa. No eixo Para ser é preciso imaginar-se, a noção de infância foi relacionada com a imaginação, a partir das definições de Rodari e Dewey. Foi possível perceber que a linguagem como oralidade dá suporte à fantasia, assim como qualifica o repertório fantástico. Além disso, as leituras indicam que a concepção de infância do autor se pauta em crianças produtores de saberes e de culturas, que através da linguagem atuam (re)inventando a língua, atribuindo novos sentidos aos usos e ao que pensam e fazem. A relação entre infância, linguagem e imaginação, indica que uma escola a favor da criança pode ser fundada na imaginação e na criatividade.</p> <p>Palavras-chave: Gianni Rodari, linguagem. Infância. Imaginação.</p>
12	Berçário : da linguagem dos bebês ao trabalho pedagógico	GOMES, Raquel Alves da Silva	2014/ Presencial	<p>É desafiador exercer práticas educativas com bebês permeadas de qualidade e marcadas pela intencionalidade pedagógica. Assim, é preciso refletir sobre os bebês e o lugar do berçário na Educação Infantil. A partir disso, busco problematizar os lugares que o berçário tem ocupado no interior das escolas de Educação Infantil, sobretudo considerando aspectos como: seu papel, função, construção do espaço, atores sociais envolvidos. Para a realização da pesquisa, assumo como referencial teórico a perspectiva do sócio-interacionismo, valendo-me, sobremaneira, de comentadores das obras de Piaget, Vygotsky e Wallon. Dentro da abordagem metodológica de pesquisa qualitativa, optei pelo estudo de caso, a partir do qual analiso as práticas pedagógicas com bebês. Para tanto, tomo como base meu relatório e experiências de estágio do 7º semestre</p>

				<p>do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como, ainda que indiretamente, situações vividas ao longo da minha carreira profissional como professora de berçário. Como elementos de análise, destaco, de modo singular, os seguintes eixos de discussão: o lugar/espço do berçário, as manifestações expressivas dos bebês, o trabalho pedagógico significativo e intencional com os bebês, a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, o tempo dos bebês, a qualificação dos profissionais do berçário. Por fim, uma das principais conclusões do estudo é a necessidade de formação específica e aprofundada de quem atua no berçário.</p> <p>Palavras-chave: Berçário. Bebês. Prática Pedagógica.</p>
13	'Eu, o Kessi!': a construção da linguagem em crianças com autismo	ANDRIOTTI, Carla Simone Ribeiro	2010/ Presencial	<p>O presente trabalho, um estudo de caso de cunho etnográfico, versa sobre a construção da linguagem em crianças com autismo. Toma como referência um aluno portador da Síndrome do Espectro Autista, com sete anos de idade, estudante do 2º ano de uma Escola Municipal de Guaíba/RS. Contempla intervenções pedagógicas sistemáticas com o referido aluno, a partir das quais foram obtidos os dados empíricos. Conta, também, com registros do período de Estágio de Docência do Curso de Pedagogia/UFRGS, ocorrido em 2009/2, momento em que o participante do estudo fazia parte da turma onde a graduanda era professora. Problematiza, portanto, generalizações existentes sobre possíveis limitações descritas e fixadas em torno do autismo. Para isso, baseia-se em referenciais teóricos sobre inclusão social, transtorno global do desenvolvimento, especialmente o autismo, em articulação com as discussões sobre alfabetização e letramento na dimensão da oralidade e da escrita, entendendo a linguagem como uma forma de interação humana e produtora de sentidos. As análises apontam indícios de interações significativas com a criança, as quais evidenciam aprendizagens relevantes, observadas durante as intervenções realizadas, no que se refere: à socialização, à compreensão/execução das atividades propostas, à função da leitura e da escrita.</p> <p>Palavras-chave: Linguagem. Alfabetização. Transtorno Global do Desenvolvimento. Autismo. Intervenção Pedagógica</p>

Fonte: organizado pelo autor

3.1.2 - Algumas Inferências a Partir dos TCs Analisados

A partir da análise dos 13 TCs encontrados no LUME com a temática ‘linguagem’, podemos chegar a algumas conclusões:

1. Do conjunto de 1116 TCs produzidos desde 2007 na Pedagogia da UFRGS e encontrados no LUME, 313 versam sobre algum aspecto relacionado ao campo da linguagem, dos 13 TCs analisados, 3 trazem no resumo a definição de linguagem adotada, e não se percebe nos resumos dos demais uma problematização do conceito de ‘linguagem’;
2. Dos 13 resumos analisados, apenas o primeiro trabalho (Quadro 3) cita uma autora presente na bibliografia básica essencial das disciplinas de linguagem do curso de Licenciatura em Pedagogia presencial da UFRGS que será foco de análise a seguir. Fazemos a ressalva de que nas referências e no corpo do texto podem haver outros autores.
3. Palavras presentes nos Resumos relacionadas ao campo semântico da linguagem são: bilinguismo, língua originária, língua nacional, língua materna, linguagem oral, diversas linguagens, elementos linguísticos, linguístico-pedagógica, estudos linguísticos, desenho como linguagem, linguagem como oralidade, conteúdos/linguagem;
4. Resumos que citam a concepção de linguagem são 3. Apresentam-nas como a seguir: linguagem como processo de interação, linguagem como produtora de sentido, linguagem como instrumento de autonomia e de ação à realidade. Esses conceitos dialogam com as perspectivas encontradas em nossa revisão de literatura, principalmente ao definir a linguagem como produtora de sentido e como processo de interação.

Em suma, com base nos dados acima, podemos afirmar a importância do estudo que ora fazemos, seja porque ele se mostrou inédito nos TCs analisados, bem como porque contribuirá com uma maior clareza e sistematização do conceito de linguagem através das perspectivas adotadas acerca da linguagem na graduação em Pedagogia da UFRGS.

4. LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UFRGS (MOD. PRESENCIAL): PERSPECTIVAS ACERCA DA LINGUAGEM

Neste capítulo iremos nos deter nas disciplinas obrigatórias da área de linguagem do curso de pedagogia da UFRGS (Modalidade Presencial), especificamente na apresentação e análise de sua bibliografia básica essencial delimitada nos planos de ensino, composta de 3 obras em cada uma delas. Nosso objetivo será apresentar qual o conceito de linguagem que emerge a partir da leitura desses referenciais.

As três disciplinas em foco são: EDU02136 - Aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita; EDU02137 - Alfabetização: concepções teórico-metodológicas; e EDU02161 - Língua portuguesa: leitura, produção de texto e análise linguística. Como dito acima no Capítulo 2, as duas primeiras compõem o conjunto de disciplinas obrigatórias no currículo da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a disciplina EDU02136 é ofertada na terceira etapa e a EDU02137 na quarta etapa tendo como pré-requisito a primeira. A disciplina EDU02161 tem como pré-requisitos essas disciplinas obrigatórias, porém essa atividade curricular caracteriza-se como obrigatória dentro do percurso relacionado ao estágio docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, sendo ofertada na quinta etapa. Utilizaremos o Plano de Ensino de cada uma delas, os quais foram consultados nas sua versão mais recente, para o ano letivo de 2021, no Portal da UFRGS. Em cada um dos Planos, analisaremos as três referências indicadas como Bibliografia Básica Essencial³³.

Os livros mencionados na Bibliografia Básica Essencial das três disciplinas serão analisados considerando seus sumários, sua introdução e a leitura de algum capítulo complementar cujo título revele de modo explícito atenção ao conceito de linguagem no qual temos maior interesse. Não pretendemos trazer uma resenha ou síntese exaustiva das obras, mas extrair elementos que contribuam com o nosso percurso investigativo. Passemos agora para apresentação das resenhas das obras.

³³ O Plano de Ensino conforme a Resolução do CEPE UFRGS nº 11/2013, em seu Artigo 43 é "o planejamento geral de uma Atividade de Ensino". Há três modos de caracterizar as referências teóricas indicadas no plano de ensino das atividades de ensino: Bibliografia Básica Essencial (livros necessários para o desenvolvimento da disciplina). Bibliografia Básica (livros importantes para o enriquecimento e ampliação dos conteúdos da disciplina) e Bibliografia Complementar (livros relevantes).

4.1 EDU02136: AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Na disciplina EDU02136 - Aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita, em seu plano de ensino para o período letivo de 2021/1, constam na súmula os seguintes temas de estudo e delimita-se a seguinte Bibliografia *Básica Essencial*:

Quadro 4 - EDU02136 - Aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita

SÚMULA
Teorias de aquisição e desenvolvimento das linguagens oral e escrita. Linguagem, língua e fala. Situações e interlocutores nas linguagens oral e escrita. Alfabetização, letramento e cultura escrita Sistema de escrita alfabética. Enfoque investigativo e pedagógico. Inclui atividades práticas voltadas à formação de professores.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ESSENCIAL
<ul style="list-style-type: none">- Artur Gomes de Moraes. Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. ISBN 9788551305188.- BEE, Helen; BOYD, Denise. A criança em desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008. ISBN 9788536325279.- FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001. ISBN 9788524925627.

Fonte: organizado pelo autor a partir do Plano de Ensino. Acesso em: 19/08/21.

A seguir apresentamos uma breve resenha de cada um dos livros. Ao longo da síntese, **destacaremos** palavras-chave e expressões que pontuem a noção de linguagem e permitam delimitar o conceito de linguagem traçado pelo autor. Desse modo, também vamos traçando o conceito de linguagem e entendendo como cada disciplina o aborda.

4.1.1 Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização - Artur G. de Moraes

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Figura 4 - Capa do livro ‘Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização’



Fonte: Imagem de arquivo pessoal.

O livro "Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização" (MORAIS, 2019), foi escrito pelo doutor em psicologia e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Artur Gomes de Moraes, pesquisador nas áreas de psicolinguística, didática da língua e formação de professores alfabetizadores. O livro está organizado em 3 capítulos, além de uma introdução e um epílogo que sintetiza a obra em sete pontos defendidos.

A obra tematiza o conceito de **Consciência Fonológica**, tema pesquisado pelo autor desde 1982, englobando contribuições da psicologia, da linguística e da didática da língua para a compreensão desse conceito em relação ao processo de alfabetização. O autor parte da **perspectiva construtivista**, “tanto por razões filosófico-ideológicas como por razões epistemológicas.” (MORAIS, 2019, p. 20).

Segundo o autor, no processo de apropriação do sistema de escrita alfabético (SEA), a criança precisa perceber a relação entre os sons que produzimos na linguagem oral e a linguagem escrita: “[...] é necessário, que a criança, para se alfabetizar, descubra que além de **um significado**, a palavra também é composta por uma **sequência sonora**, que pode ser **representada por letras**.” (MORAIS, 2019, p. 13) [Grifos nossos].

Conforme Morais (2019, p.12), é justamente na aquisição dessa consciência que entra o papel central do docente, seja através da criação de situações que promovam a consciência fonológica por parte do aprendiz que ainda não possua uma hipótese alfabética, bem como de um ensino sistemático do SEA para aqueles que já possuam uma hipótese silábico-alfabética.

Para Morais (2019, p.17), ao longo do processo de alfabetização a criança vai aprendendo a lidar com várias propriedades da língua escrita, além de ter de compreender o princípio alfabético de que as letras representam os fonemas, o aprendiz deve se dar conta de que as características dos objetos não têm relação com o modo como escrevemos as palavras que as identificam, letras não podem ser inventadas, a ordem das mesmas não pode ser mudada em uma dada palavra, uma mesma letra pode ser repetida em mais palavras e ter sons diferentes, etc.

No entanto, Morais chama a atenção de que esse processo não se dá de maneira associacionista, como se a pessoa estivesse aprendendo um código, no qual simplesmente a cada som é ligado um símbolo, de modo que o princípio alfabético já estivesse em sua mente, pois isso “simplifica a análise do complexo trabalho conceitual construído/vivenciado pelo aprendiz e adota uma visão adultocêntrica sobre como a criança aprende o alfabeto.” (MORAIS, 2019, p.15). O autor acrescenta que: “No caso do aprendizado da escrita alfabética, vemos também que, a cada etapa, **o aprendiz formula ideias próprias** ao processar as informações (input) que encontra em seu meio”. (MORAIS, 2019, p.21).

No que tange ao sistema de notação alfabética o autor argumenta que apesar de ele ser uma criação cultural da humanidade, e neste sentido ser marcado por convenções, há também uma certa estrutura lógica no sistema, ainda que não obrigatória:

Pensamos que o sistema de notação alfabética - assim como outros conteúdos escolares, especialmente na área da língua - é uma **invenção cultural** que tem uma “lógica” (com todas as aspás, porque não contém propriedades obrigatórias, no sentido de necessidade lógica), mas em que as **convenções se entremeiam com as propriedades do sistema**. (MORAIS, 2019, p.23) [Grifos nossos].

Por fim, Morais defende que o processo de alfabetização deve se dar por meio do **contato diário com textos** desde a educação infantil e de que as crianças tenham assegurado o direito de um ensino sistemático do SEA, unindo aprendizagens sobre palavras, letras e fonemas, bem como da compreensão de como o alfabeto funciona. (MORAIS, 2019, p. 22-24).

4.1.2 - A criança em desenvolvimento - Helen Bee e Denise Boyd

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008. ISBN 9788536325279.

Figura 5 - Capa do Livro ‘A criança em desenvolvimento’



Fonte: arquivo pessoal

O livro “A criança em desenvolvimento”, das estadunidenses Helen Bee e Denise Boyd, encontra-se em sua 12ª edição, e traça um panorama completo do desenvolvimento infantil, principalmente com contribuições da **Psicologia do Desenvolvimento**. O livro está estruturado em 15 capítulos, abordando temas como: desenvolvimento físico, perceptual, cognitivo, da linguagem, da personalidade, dos relacionamentos sociais, etc., culminando numa visão integral da criança. As autoras salientam que “[...] o desenvolvimento da criança não é dividido em pacotes organizados, rotulados de ‘desenvolvimento físico’, ‘desenvolvimento social’, e ‘desenvolvimento da linguagem’, mas, antes, é um processo coerente e integrado.” (BEE e BOYD, 2011, p. 239). Para nossos propósitos iremos tratar aqui apenas do Capítulo 8 que tem como título “Desenvolvimento da linguagem”.

As autoras iniciam afirmando que **a linguagem é composta por várias dimensões**, como a **fonológica** (aspectos sonoros), a **semântica** (significados) e a **sintaxe** (gramática), e que “[...] tanto amadurecimento quanto experiência são críticos para o desenvolvimento.” (BEE e BOYD, 2011, p. 228).

As fases de desenvolvimento da linguagem que um ser humano costuma passar nos seus primeiros meses/anos de vida podem ser caracterizadas conforme algumas etapas segundo Bee e Boyd (2011). Primeiro, um período pré-linguístico, com a presença de arrulhos, balbucios e gestos; Após, temos o surgimento de uma linguagem receptiva, quando a

criança é capaz de compreender a linguagem falada mas ainda não consegue se expressar plenamente. Em torno do primeiro ano de vida o bebê começa a dizer suas primeiras palavras. Entre 12 e 18 meses surgem as primeiras frases, seguido por um aumento da gramática após meses de frases curtas.

Quanto aos marcos do desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal em pessoas surdas, as autoras afirmam que são “[...] altamente semelhantes aos de crianças que podem ouvir.” (BEE e BOYD, 2011, p. 230). Isso seria uma forte evidência “[...] para o argumento de que o bebê humano é de algum modo **preparado para aprender a linguagem.**” (BEE e BOYD, 2011, p.230). [Grifos nossos].

Em relação à sintaxe, segundo as autoras, não há dúvida de que as crianças fazem **uso de regras para a formação de frases** já nos primeiros estágios de desenvolvimento da linguagem. Além disso, o desenvolvimento da gramática está ligado de modo estreito com o desenvolvimento do vocabulário também associado ao desenvolvimento da linguagem em termos sintáticos.

No que tange à pragmática, as autoras afirmam que as crianças também já são capazes de **usar e entender as regras sociais do uso da linguagem** bem precocemente, como por exemplo, alternando a direção do olhar quando estão falando com alguém e adaptando o uso da linguagem de acordo com a situação e a pessoa com quem falam. (BEE e BOYD, 2011, p. 238-239).

Quanto à questão de explicar como a criança aprende uma língua, segundo as autoras, essa é uma tarefa mais difícil do que simplesmente descrever as fases de desenvolvimento pelas quais elas passam. As autoras apresentam 3 principais teorias explicativas para o surgimento da linguagem nos bebês: **teorias ambientais** (possuem sua ênfase nos estímulos externos recebidos pelas crianças), **teorias nativistas** (defendem que cada criança já nasce com uma capacidade para a linguagem) e **teorias construtivistas** (mescla das duas anteriores, enfatiza que o desenvolvimento cognitivo e da linguagem são interdependentes). (BEE e BOYD, 2011, 239-243).

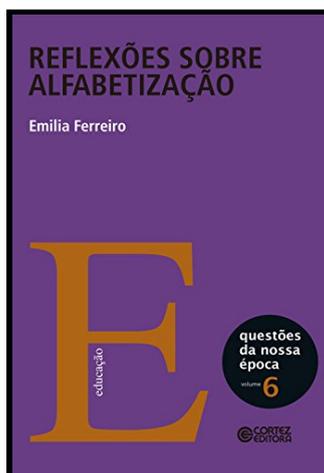
No que tange ao processo de alfabetização da criança, Bee e Boyd (2011, p.245) afirmam que “a linguagem falada forma a base sobre a qual as crianças constroem habilidades de alfabetização. Entretanto, aprender a ler e a escrever também tem a ver com as habilidades cognitivas e motoras das crianças.” As autoras também pontuam a importância da consciência

fonológica para a aprendizagem da leitura e da escrita, e para tal sugerem atividades como jogos que estimulem a reflexão sobre o som das palavras e a realização de leitura compartilhada. (Bee e Boyd, 2011, p. 246).

4.1.3 - Reflexões sobre alfabetização - Emilia Ferreiro

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001. ISBN 9788524925627.

Figura 6 - Capa do Livro ‘ Reflexões sobre alfabetização’



Fonte: arquivo pessoal

Emilia Ferreiro é doutora pela Universidade de Genebra, sob orientação de Jean Piaget. Seu livro "Reflexões sobre alfabetização" encontra-se em sua 26ª edição, sendo composto por 4 capítulos, além de sua apresentação. A autora pretende trazer novas contribuições para a intervenção educativa alfabetizadora a partir de dados sobre a **psicogênese da língua escrita**.

Em seu livro Ferreiro discorre sobre o processo de alfabetização a partir de aportes da psicogênese da escrita, mostrando que ela normalmente segue uma linha evolutiva, na qual o aprendiz vai elaborando hipóteses próprias sobre o sistema de escrita. No entanto, essa evolução não ocorre de maneira mecânica ou simples, trata-se de uma evolução processual baseada nos desafios implicados na compreensão da língua escrita em situações sociais e que depende de intervenções que coloquem esse processo em movimento: “Essa criança se coloca problemas, **constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa**, buscando compreender esse **objeto social** particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade.” (FERREIRO, 2011, p.11) [Grifos nossos].

Segundo Ferreiro o processo de aprendizagem do SEA se dá na junção de uma tríade: alguém que ensina, outro que aprende e a natureza do objeto envolvido nessa aprendizagem. A autora pontua que a escrita pode ser considerada de modos distintos: ou como um código de transcrição das unidades sonoras ou como uma representação da linguagem: “A diferença essencial é a seguinte: no caso da codificação, tanto os elementos como as relações já estão predeterminados. [...] No caso da criação de uma representação, nem os elementos nem as relações estão predeterminados.” (FERREIRO, 2011, p. 16). Essa distinção revela duas abordagens pedagógicas também distintas.

A autora argumenta estabelecendo a definição que alinha o processo de alfabetização à **criação de um sistema de representação** por parte do aprendiz. Esse alinhamento fundante da alfabetização à escrita como representação também revela a complexidade implicada no processo de alfabetizar, pois as relações do sistema e seu funcionamento ainda não estariam dadas, mas precisam ser construídas.

Para conceituar o signo linguístico a autora cita **Ferdinand de Saussure**, caracterizando-o como a **união indissolúvel entre significante e significado**. Segundo ela, as escritas do tipo alfabético são sistemas de representação cuja função principal é representar as diferenças entre os significantes. (FERREIRO, 2011, p. 17).

Segundo Ferreiro, os antigos programas de preparação e/ou aptidão para a leitura e escrita pecam justamente ao dissociar significante e significado: “A linguagem, como tal, é colocada de certa forma ‘entre parênteses’, ou melhor, reduzida a uma série de sons [...]. O problema é que, ao dissociar o significante sonoro do significado, destruímos o signo linguístico.” (FERREIRO, 2011, p. 18).

Concluindo, Ferreiro argumenta que a evolução psicogenética da aquisição da linguagem escrita pela criança segue uma linha regular, a qual cria hipóteses sobre esse sistema de representação antes mesmo de estar exposta a um ensino sistemático:

Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um **sujeito cognoscente**, alguém que pensa, que **constrói interpretações**, que **age sobre o real** para fazê-lo seu. (FERREIRO, 2011, p. 41) [Grifos nossos].

4.2 EDU02137 - ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Na presente seção veremos a bibliografia *básica essencial* presente no plano de ensino da disciplina EDU02137 - Alfabetização: concepções teórico-metodológicas para o período letivo de 2021/1:

Quadro 5 - EDU02137 - Alfabetização: Concepções Teórico-Metodológicas

SÚMULA
Abordagem histórica dos métodos de alfabetização. Eixos da Língua Portuguesa na organização didática e pedagógica do planejamento na alfabetização de crianças, jovens e adultos: oralidade, leitura, produção textual, ortografia e análise linguística na alfabetização. Políticas públicas brasileiras para a alfabetização. Enfoque investigativo e pedagógico. Inclui atividades práticas voltadas à formação de professores.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ESSENCIAL
<ul style="list-style-type: none">- MALUF, Maria Regina; CARDOSO-MARTINS, Cláudia (Orgs.). Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013. ISBN 9788565848701.- PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012. ISBN 978853601129-5.- SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016. ISBN 9788572449588.

Fonte: organizado pelo autor a partir do Plano de Ensino. Acesso em: 19/08/21.

A seguir apresentamos as sínteses das obras listadas (Quadro 5). Assim como anteriormente, ao longo das sínteses destacamos palavras-chave e expressões que contribuam para o entendimento do conceito de linguagem adotado.

4.2.1 - Alfabetização no século XXI - Maluf e Cardoso-Martins

MALUF, Maria Regina; CARDOSO-MARTINS, Cláudia (Orgs.). **Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever**. Porto Alegre: Penso, 2013. ISBN 9788565848701

Figura 7 - Capa do Livro ‘Alfabetização no século XXI’



Fonte: arquivo pessoal.

O livro “Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever”, organizado por Maria R. Maluf e Cláudia Cardoso-Martins, traz contribuições sobre a **Ciência da Leitura**, através de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, principalmente com aportes da **Psicologia Cognitiva e das Neurociências**. O livro está dividido em 8 capítulos e um prefácio, e busca responder “a uma das principais necessidades da educação brasileira, a de ensinar com êxito a leitura e a escrita, base de todas as demais aprendizagens escolares”. (MALUF e CARDOSO-MARTINS, 2013, p. 11). Considerando que se trata de um livro que reúne artigos de diferentes autores, nesta síntese tivemos o cuidado de percorrer mais de um dos oito capítulos.

Ao tratar da temática de como aprendemos a ler e escrever, as organizadoras explicitam que essas ações são abordadas com base em evidências dos aportes científicos assumidos como base (MALUF e CARDOSO-MARTINS, 2013). Duas questões são centrais na obra: *Como nosso cérebro aprende a ler e qual o melhor modo de ensinar a ler?* Segundo as organizadoras:

Evidências produzidas pela Ciência da Leitura estão revelando a **complexidade das operações mentais** que o aprendiz deve executar para aprender a ler e mostram que algumas estratégias de aprendizagem são mais bem adaptadas do que outras à sua

organização cerebral e às suas condições culturais de crescimento e desenvolvimento. Assim, por exemplo, destaca-se o papel da linguagem oral na aquisição da linguagem escrita, uma vez que se escreve o que se fala, [...]. Um número crescente de estudos trata de aprofundar e utilizar os conhecimentos a respeito das relações entre o desenvolvimento das **habilidades metalinguísticas e a alfabetização**. Essas relações explicitam as conexões entre leitura e cognição. (MALUF e CARDOSO-MARTINS, 2013, p. 12) [Grifos nossos]

No capítulo 1, “Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem”, escrito por Morais, Leite e Kolinsky, temos a seguinte definição da ação de ler:

A leitura é uma forma específica de **processamento de informação**, e a aprendizagem da leitura é, portanto, a aprendizagem desses processos. Em uma definição mais aprofundada, **ler é transformar representações gráficas da linguagem em representações mentais de sua forma sonora e do seu significado**. (MORAIS, LEITE e KOLINSKY, 2013, p. 17) [Grifos nossos].

De acordo com os autores, para o processamento da leitura atuam dois componentes: uma **habilidade específica**, qual seja, a identificação de palavras escritas, e um conjunto de **capacidades gerais** que inclui: “atenção, memória de trabalho, conhecimento lexical e da gramática da língua, conhecimento semântico e enciclopédico, raciocínio, capacidade de análise e de síntese, tudo o que também é mobilizado no processamento da informação veiculada pela fala.” (MORAIS, LEITE e KOLINSKY, 2013, p. 17).

Já no Capítulo 5, “Como a ciência cognitiva forneceu as bases teóricas para resolução do ‘grande debate’ sobre métodos de leitura em ortografias alfabéticas” escrito por William E. Tunmer, o autor argumenta que a pergunta pelo melhor método de alfabetização está equivocada, pois tal escolha depende do **capital cultural letrado** que a criança já traz consigo para a aprendizagem da leitura, pois questões relacionadas ao aprendiz e ao meio em que ele está inserido são, ambas, necessárias nesse processo. Assim dois fatores são importantes para o processo de alfabetização:

[...] exposição suficiente à instrução explícita em **consciência fonológica e codificação alfabética** com o objetivo de engendrar uma firme compreensão do princípio alfabético; e o uso de processos indutivos/construtivos necessários para o desenvolvimento do conhecimento implícito acerca dos padrões de relação letra-som. (TUNMER, 2013, p. 135) [Grifos nossos]

4.2.2 - Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade - Luciana Piccoli e Patrícia Camini

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012. ISBN 978853601129-5.

Figura 8 - Capa do livro ‘Práticas pedagógicas em alfabetização’



Fonte: arquivo pessoal

O livro "Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade", das doutoras em Educação, Luciana Piccoli e Patrícia Camini, ambas professoras da graduação em Pedagogia da UFRGS, o qual foi indicado como bibliografia de apoio pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, tem como fim discutir

[...] a alfabetização na escola contemporânea, considerando as variadas culturas escritas pelas quais as crianças transitam. Sugere práticas pedagógicas que possibilitam **aliar oralidade, leitura e escrita à compreensão das estruturas linguísticas e às funções sociais da língua para ensinar a ler e produzir gêneros textuais**. (PICCOLI e CAMINI, 2012, contracapa) [Grifos nossos].

O livro está dividido em três capítulos, os quais trazem, além de aspectos teóricos relacionados ao processo de alfabetização, fartas sugestões práticas para o trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental considerando o ciclo de alfabetização.

No Capítulo 1, 'Por onde andam as discussões sobre alfabetização', dentre outros temas, as autoras problematizam a dicotomia entre alfabetização e letramento, argumentando que as diferentes compreensões dos mesmos decorrem do processo de produção e discussão

de ideias, o que impede de chegar a uma conceituação única e verdadeira. (PICCOLI e CAMINI, 2012, p. 25) Contudo, as autoras defendem que

Agora, é preciso um novo movimento que, em vez de dar a ideia de segmentação nas práticas escolares de leitura e escrita - entre alfabetização e letramento -, as considere como um mesmo processo socialmente conduzido e que não se polariza em um determinado período escolar. (PICCOLI e CAMINI, 2012, p.27).

Assim, é proposto que “Em vez de discutirmos como nomear os processos, optamos por falar em ensino da leitura e da escrita em uma visão que abarque tais habilidades como um *continuum* na vida do sujeito em convivência com culturas escritas.” (PICCOLI e CAMINI, 2012, p. 26).

Dos aspectos em destaque nas Considerações Finais do livro, selecionamos o seguinte:

A produtividade de utilizar o **texto como unidade linguística central** no planejamento para a alfabetização, por meio do qual fonemas, sílabas, palavras e frases ganham sentido.

A importância de desenvolver a competência textual das crianças para **compreender, interpretar e produzir textos** orais e escritos adequados a um determinado gênero e contexto comunicativo.

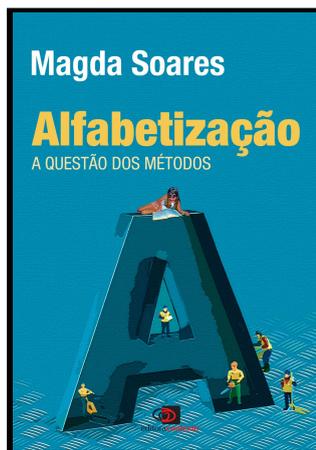
A necessidade de um **trabalho sistemático em relação aos aspectos fonológicos e ortográficos da língua escrita**, promovendo situações de **reflexão metalinguística** cotidianamente. [...]

A distribuição do trabalho em relação às habilidades de leitura, de escrita e de oralidade ao longo da vida escolar deve pressupor a **complexificação do domínio dessas habilidades**, não ficando encerradas no período nomeado de alfabetização, [...]. (PICCOLI e CAMINI, 2012, p. 151) [Grifos nossos].

4.2.3 - Alfabetização: a questão dos métodos - Magda Soares

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016. ISBN 9788572449588.

Figura 9 - Capa do Livro ‘Alfabetização: a questão dos métodos.’



Fonte: arquivo pessoal

Magda Soares, doutora em Educação, renomada pesquisadora no campo da alfabetização e da linguagem, autora de uma série de artigos e livros sobre a temática da alfabetização, em sua obra “Alfabetização: a questão dos métodos”, trata da aprendizagem e do ensino da língua escrita, defendendo a possibilidade de articulação entre as várias facetas dos campos de conhecimento da alfabetização (linguística, interativa e sociocultural). Faz-se a ressalva de que o livro concentra seus esforços conceituais na faceta linguística (a alfabetização), as outras fazem parte do processo de letramento. O livro está estruturado em 9 capítulos, os quais trazem uma revisão bibliográfica ampla sobre a questão dos métodos em alfabetização, como o próprio título diz.

Em seu capítulo final “Métodos de alfabetização: uma resposta à questão”, a autora apresenta uma síntese de suas pesquisas e uma resposta à questão dos métodos em alfabetização, restritos à faceta linguística, na qual ela defende alguns pontos.

O primeiro ponto abordado diz respeito à questão da metodologia a ser utilizada na alfabetização. A autora define ‘método de alfabetização’ como “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientam a aprendizagem inicial

da leitura e da escrita, no que se refere à faceta linguística dessa aprendizagem”. (SOARES, 2016, p. 330-331). É dito também que apenas no século XX a língua escrita teria se tornado objeto dos estudos da ciência linguística, mais recentemente outras áreas têm contribuído, a Psicologia Cognitiva e do Desenvolvimento, bem como a Neurociência podem ser destacadas. Assim, a necessidade de ensinar a ler e escrever teria precedido o estudo de como o sujeito aprende esse objeto específico que é o sistema de escrita alfabético. Essa lacuna ou inversão, teria contribuído em muito para a definição de qual o melhor método em alfabetização, se é que exista *um* método único que dê conta do ensino e aprendizagem de todas as especificidades do SEA.

Segundo Soares (2016, p. 332-333), **a faceta linguística da alfabetização** envolve os seguintes **processos de aprendizagem** por parte do aluno: compreensão do sistema alfabético de escrita, características do sistema ortográfico, consciência metalinguística, consciência fonológica e grafofonêmica, construção do conceito de letra, características das palavras, estratégias de leitura e escrita, regularidades e irregularidades da ortografia do português.

Assim, se o objetivo do método de alfabetização é a criança/pessoa alfabetizada, o sucesso nessa empreitada não depende tanto de *um método* ou de *métodos* apenas, mas, segundo Soares,

[...] é construída por aqueles/aquelas que alfabetizam compreendendo os **processos cognitivos e linguísticos** do processo de alfabetização, e com base neles desenvolvem atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança, identificam e interpretam dificuldades em que terão condições de intervir adequada - aqueles/aquelas que **alfabetizam com método**. (SOARES, 2016, p. 333-334) [Grifos nossos].

Sobre a fluência nas **habilidades de decodificação e codificação da escrita**, para Soares, deve ser consenso que elas “constituem o alicerce da compreensão e da produção de texto escrito, e ainda do uso da língua nas práticas sociais que ocorrem em diferentes contextos de sociedades letradas. (SOARES, 2016, p. 334).

Quanto à polêmica entre ensino explícito/direto (paradigma fonológico) e ensino indireto (paradigma construtivista), é feito primeiro uma caracterização dos mesmos.

No paradigma construtivista o alfabetizador guia a criança em seus processos internos de formulação de suposições sobre o funcionamento da língua escrita, assim, “busca identificar as hipóteses que a criança constrói sobre a natureza da escrita ao longo de seu desenvolvimento, [...]”. (SOARES, 2016, p. 335).

Já no paradigma fonológico, quando a criança entende que a língua escrita representa os sons das palavras, o ensino explícito seria mais adequado, segundo Soares (2016, p. 336),

[...], já que o objeto a ser aprendido é um **construto cultural** exterior à criança, um sistema criado pelo homem, com o objetivo de tornar visível o oral, para isso **inventando formas de representação** dos sons da **fala natural e inata** em notações gráficas convencionais e frequentemente arbitrárias. [Grifos nossos].

Conforme Soares, para a escolha entre um ensino explícito ou indireto é importante levar em consideração a natureza do objeto que está sendo ensinado, qual seja, o sistema alfabético de representação da linguagem oral. Assim, em um domínio mal estruturado (no qual há indeterminação e imprevisibilidade), como, por exemplo, a aprendizagem de que a escrita nota os sons da fala e o levantamento de hipóteses sobre seu funcionamento, seria recomendado um ensino construtivista. Posteriormente, quando a criança já compreendeu o princípio alfabético, temos uma área de conhecimento já bem estruturada, é mais efetivo um ensino explícito, pois “[...] é possível determinar quais informações, conceitos e processos os alunos devem aprender.” (SOARES, 2016, p. 338).

Concluindo, Soares afirma que o ensino da alfabetização não pode estar desvinculado do processo de letramento - **alfabetizar letrando**, defende Soares -, por isso se faz necessário a integração entre as facetas linguística, interativa e sociocultural, para que não ocorra a separação da “[...] língua escrita de seu objetivo último, que é a **compreensão ou expressão de mensagens** de diferentes naturezas, [...]” (SOARES, 2016, p. 350). [Grifos nossos].

4.3 EDU02161 - LÍNGUA PORTUGUESA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E ANÁLISE LINGUÍSTICA

Apresentamos aqui a súmula e a bibliografia básica essencial constante no Plano de Ensino da disciplina EDU02161 - Língua Portuguesa: Leitura, Produção de Texto e Análise Linguística, para o semestre letivo de 2021/1, a terceira disciplina que é parte da nossa análise:

Quadro 6 - EDU02161 - Língua Portuguesa: Leitura, Produção de Texto e Análise Linguística

SÚMULA
Leitura, produção textual. Análise linguística. Língua Portuguesa: leitura, produção de texto e análise linguística. Ciência metalinguística. Variação linguística. Ortografia. Tendências avaliativas do texto na escola. Organização didática e pedagógica do planejamento para o ensino da Língua Portuguesa no 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental com crianças, jovens e adultos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA ESSENCIAL
<ul style="list-style-type: none">- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2017. ISBN 8572443274.- SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016. ISBN 978-85-7244-958-8.- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento. São Paulo: Cortez, 2013. ISBN 9788524921124.

Fonte: organizado pelo autor a partir do Plano de Ensino. Acesso em: 19/08/21.

4.3.1 - Ler e compreender os sentidos do texto - Ingedore V. Koch e Vanda M. Elias

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017. ISBN 8572443274.

Figura 10 - Capa do Livro ‘Ler e compreender os sentidos do texto.’



Fonte: arquivo pessoal

Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, ambas licenciadas em Letras com doutorado também nesta área, em seu livro “Ler e compreender os sentidos do texto”, 3 edição, estruturado em 9 capítulos, através do estabelecimento de relações entre *teorias sobre texto e leitura e práticas de ensino*, estabelecem como objetivo apresentar “as principais estratégias que os leitores têm à sua disposição para, no momento da leitura, tomando como ponto de partida as pistas que o texto lhes oferece, construir para ele um sentido que seja compatível com a proposta apresentada pelo seu produtor.” (KOCH e ELIAS, 2017, p.7-8).

As autoras, no que tange à sua concepção do *texto*, partem do pressuposto de que ele “é **lugar de interação de sujeitos sociais**, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos;” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 7). [Grifos nossos]. Cumpre, assim, ao leitor, diante dessa compreensão de texto e leitura, exercer um papel ativo na elaboração de sentidos do texto, segundo as autoras.

No Capítulo 1, as autoras afirmam que a concepção de *leitura* depende da forma como entendemos a língua, o sujeito, o texto e o sentido. Somos apresentados a três concepções da *língua*:

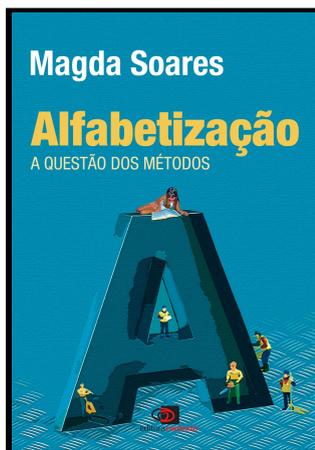
1. **Língua como representação do pensamento:** “corresponde à de **sujeito** psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações.” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 10). Assim, o **texto** é visto como “produto - lógico - do pensamento (representação mental do autor, [...]. A **leitura**, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, [...]”. (KOCH e ELIAS, 2017, p. 10) [Grifos nossos].
2. **Língua como estrutura (código):** desta visão decorre uma ideia de **sujeito** como “determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência.” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 10). O **texto** é visto como resultado da codificação pelo autor e decodificação pelo leitor. Já a **leitura** “[...] é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que ‘tudo está dito no dito’”. (KOCH e ELIAS, 2017, p. 10) [Grifos nossos].
3. **Língua como interação autor-texto-leitor (interacional e dialógica):** os **sujeitos** são tidos como “atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto.” (KOCH e ELIAS, 2017, p.11) O sentido do **texto** “é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A **leitura** é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, [...] ” (KOCH e ELIAS, 2017, p.11) [Grifos nossos].

Dito isso, as autoras deixam claro que partem de “uma concepção **sociocognitivo-interacional** de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processo de interação.” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 12) [Grifos nossos]. Em suma, é assumida uma visão da **leitura como produção de sentidos** e de **leitor enquanto construtor de sentidos**. (KOCH e ELIAS, 2017, p. 12-13).

4.3.2 - Alfabetização: a questão dos métodos - Magda Soares

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016. ISBN 9788572449588.

Figura 11 - Capa do Livro ‘Alfabetização: a questão dos métodos.’



Fonte: arquivo pessoal

O livro da autora Magda Soares “Alfabetização: a questão dos métodos”, foi resenhado na seção 4.3.2, constando como bibliografia básica essencial das duas disciplinas, não sendo necessária a apresentação de sua síntese aqui. No entanto, é preciso salientar que seu uso como bibliografia básica essencial em duas disciplinas indica a proeminente relevância da obra para a compreensão e o estudo da temática da alfabetização e do ensino da linguagem.

4.3.3 - Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento - Luiz Carlos Travaglia

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2013. ISBN 9788524921124.

Figura 12 - Capa do Livro ‘Na trilha da gramática’.



Fonte: arquivo pessoal

Luiz Carlos Travaglia, Licenciado em Letras e doutor em Linguística, em sua obra “Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento”, oferece contribuições tanto para a teoria como para a prática do ensino de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O livro está dividido em 4 capítulos, os quais apresentam sugestões para trabalhar o conhecimento linguístico em sala de aula, seja em seu aspecto gramatical e estrutural, bem como para o processo de letramento, tudo isso para que a criança se torne progressivamente mais competente nos usos da língua, constituindo a sua linguagem.

Travaglia (2013, p. 19) afirma que a condição básica para o ensino/aprendizagem de modo geral é “haver o encontro entre alguém que quer aprender e alguém que sabe o que vai ensinar.” A partir disso alguns pontos são básicos no ensino da língua materna, segundo o autor: a metodologia, a abrangência (o quanto ensinamos), a organização e a seleção, a progressão e a frequência dos elementos a serem ensinados/aprendidos, a complexidade (do simples para o complexo) e a extensividade.

O autor defende que o objetivo fundamental para o ensino da língua seja desenvolver a **competência comunicativa dos alunos**:

[...] nossa proposta é que o objetivo fundamental seja **formar um usuário competente da língua**, que seja capaz de usar os diversos recursos da língua de modo adequado na **construção de textos** para veicular determinadas significações, produzir efeitos de sentido pretendidos em situações variadas e específicas de comunicação e, ao mesmo tempo, seja capaz de compreender os sentidos veiculados pelos textos que recebe. (TRAVAGLIA, 2017, p. 27) [Grifos nossos].

Para atingir tal objetivo, segundo o autor, deve-se trabalhar com dois aspectos do conhecimento linguístico: a **gramática de uso**, “um tipo de atividade em que se leva os alunos a utilizar os recursos linguísticos em frases, mas principalmente em textos, tanto na produção quanto na compreensão.” (TRAVAGLIA, 2017, p. 28). E, a **gramática reflexiva**, que “trabalha essencialmente com a significação dos recursos linguísticos (semântica) e sua utilização em situações específicas e concretas de interação comunicativa (pragmática).” (TRAVAGLIA, 2017, p. 29).

Quanto à **concepção de linguagem**, o autor afirma que sua proposta não a entende como ‘expressão do pensamento’ ou como ‘código ou instrumento de comunicação’, mas a vê como uma **forma de interação**:

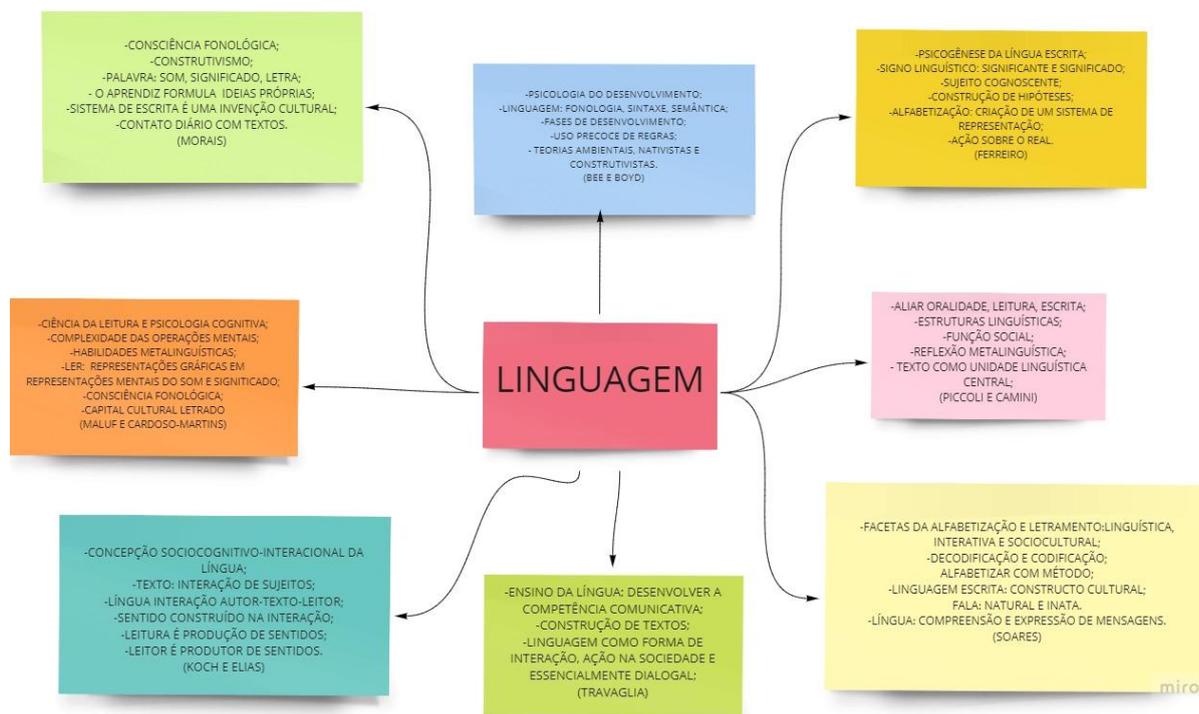
Se o objetivo fundamental do ensino é o desenvolvimento da competência comunicativa, temos de ver **a língua como uma forma de interação**, ou seja, entender que usamos a língua para **agir na sociedade**, que dizer alguma coisa é fazer algo. Como sempre fazemos algo dirigido a outrem que reage, a língua é não apenas uma forma, um instrumento de ação em sociedade, mas de interação, porque sempre temos o outro que reage e que também diz. Por isso que se diz que **a língua é essencialmente dialogal**, [...]” (TRAVAGLIA, 2017, p. 31-32) [Grifos nossos].

4.4 - RESPONDENDO À QUESTÃO: QUAL O CONCEITO DE LINGUAGEM NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS?

Responder à questão ‘Qual o conceito de linguagem na formação em pedagogia da UFRGS?’ é a culminação de nosso percurso de pesquisa, reflexão e escrita deste texto, percurso este, delimitado dentro de uma pesquisa bibliográfica e documental, em busca de marcadores textuais que nos deem pistas ou apontem a compreensão acerca do conceito de ‘linguagem’ que emerge das respectivas obras que compõem a bibliografia básica essencial das disciplinas analisadas acima.

Abaixo trazemos uma síntese com os principais pontos relacionados aos estudos da linguagem encontrados nas obras analisadas:

Figura 13: Conceitografia da linguagem na formação em Pedagogia da UFRGS (Modalidade Presencial)



Fonte: organizado pelo autor.

A partir da síntese trazida podemos dizer que o estudo da linguagem na formação em Pedagogia da UFRGS (modalidade presencial), vem sendo constituído com aportes da

Psicologia Cognitiva e do Desenvolvimento, do Construtivismo, da Linguística e da Educação. Isso nos indica que o conceito é estudado a partir de diferentes perspectivas, as quais permitem promover um entendimento diversificado, destacando a complexidade que é o tratamento desse tema, o qual não se deixa entender em todo seu conjunto apenas por uma única perspectiva teórica.

Outro ponto é quanto ao entendimento do conceito, isto é, de sua definição. Ainda que não haja *um* conceito fechado, temos um conjunto coerente e robusto de concepções sobre a linguagem. Os autores tratam a palavra e o signo linguístico como a união entre som e significado (MORAIS; FERREIRO), construídos por um sujeito cognoscente (FERREIRO; MALUF e CARDOSO-MARTINS), o qual constrói hipóteses e formula ideias próprias sobre o funcionamento da linguagem oral e escrita (MORAIS; FERREIRO; BEE e BOYD). Isso se dá através da ação do sujeito no mundo e na interação em sociedade, vale dizer, na produção de sentidos sobre o mundo, principalmente através da interação social. (TRAVAGLIA; KOCH e ELIAS; FERREIRO).

O conjunto de referências das disciplinas possibilita uma visão de linguagem como algo complexo, composta por aspectos fonológicos, sintáticos e pragmáticos, unida ao desenvolvimento integral do ser humano, dessa maneira, não estando separada de seus aspectos sociais, cognitivos, físicos, etc., (BEE e BOYD). A fala é vista como natural e inata (SOARES), e a língua possui seu fim na compreensão e expressão de mensagens, isto é, no desenvolvimento da competência comunicativa (SOARES; TRAVAGLIA), unida a uma visão sociocognitivo-interacional da língua (KOCH e ELIAS), na qual a construção de sentidos acontece na interação autor-texto-leitor (língua escrita) e na sociedade entre os sujeitos.

Quanto à aquisição da linguagem escrita, temos uma concepção do sistema escrito como uma criação cultural (SOARES; MORAIS), que decorre da invenção de um sistema de representação por parte do sujeito (FERREIRO), na transformação de representações gráficas em representações mentais do som e do significado, e vice-versa (MALUF e CARDOSO-MARTINS). Conceitos-chave e/ou teorias explicativas recorrentes desse processo de aprendizagem são: consciência fonológica (MORAIS; MALUF e CARDOSO-MARTINS; BEE e BOYD, SOARES), psicogênese da língua escrita (FERREIRO; SOARES), habilidades metalinguísticas (MALUF e CARDOSO-MARTINS; PICCOLI e CAMINI). Outro ponto é a centralidade do texto (unidade de sentido) na aquisição da linguagem escrita e da importância da linguagem oral nesse processo (MORAIS;

BEE e BOYD; PICCOLI e CAMINI; MALUF e CARDOSO-MARTINS; TRAVAGLIA; KOCH E ELIAS).

No que tange à relação entre a concepção de linguagem adotada nos TCs analisados e nas disciplinas, temos um alinhamento ao definir a linguagem como processo de interação e produção de sentido, bem como de autonomia e de ação à realidade.

Em suma, a partir dos elementos que pudemos destacar, os quais foram extraídos das obras que compõem a bibliografia básica essencial das disciplinas da área de linguagem da Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, - reitero que não pretendemos trazer uma análise exaustiva das obras, mas a seleção de capítulos centrais das mesmas - podemos dizer que nossa síntese aponta que temos um conceito de linguagem permeado pelo entrelaçamento coerente de vários aportes teóricos, os quais indicam a complexidade do mesmo, e através de seu conjunto nos apontam como o conceito de linguagem é tratado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em certo sentido aproximamo-nos do fim de nossa conversa, - com a professora orientadora e os colegas, com os textos e autores de várias épocas, e comigo mesmo - pois estamos terminando este texto. Mas também podemos dizer que, ao modo de uma pedrinha lançada em um lago, ele continuará a vibrar depois de findo, produzindo novas conexões e sentidos. Traçamos um caminho no mundo da linguagem com o propósito de entender melhor ela mesma e assim contribuir para o trabalho pedagógico do ensino e da aprendizagem da linguagem oral e escrita

Para responder ao nosso questionamento **qual o conceito de linguagem presente na formação em pedagogia da UFRGS?** realizamos uma revisão de literatura sobre o tema em obras de referência encontradas ao longo de nossa pesquisa, em TCs da Pedagogia sobre ‘linguagem’ e na bibliografia básica essencial das disciplinas da área de linguagem da Pedagogia da UFRGS na modalidade presencial.

Nossa busca pelo conceito de linguagem nos revelou que se trata de um termo polissêmico, definido, ao longo de 2500 anos, de diferentes maneiras, mas que dão em seu conjunto uma ideia ampla sobre como entendemos a capacidade humana da linguagem. Em uma época de sectarismos e bolhas sociais, ouvir e dialogar com diferentes vozes sobre a temática estudada, nos dá uma dimensão de quão enriquecedor esta conversa pode ser para a nossa construção de sentido sobre o mundo em que vivemos, o qual se dá na interação e na convivência com o outro.

Podemos dizer que o ser humano, em sua complexidade, habita dois mundos concomitantes: o mundo físico, no espaço e no tempo, independente e externo a nós, e o mundo simbólico, das ideias, da linguagem, criado por nosso cérebro e pela vida em sociedade. Para nossa espécie esses dois mundos são inseparáveis. De maneira geral, o papel da linguagem é, juntamente com os sentidos, uma ponte entre nós e o mundo exterior. Ela não é a realidade material e real das coisas e do universo, antes a capacidade mental que a nossa espécie possui e criou para, ao mesmo tempo, acessar o mundo externo e criar um inteiramente seu.

Ao fim desse texto, dessa conversa, já não somos os mesmos do seu início, pois ao mesmo tempo que construímos sentidos sobre o mundo por meio da linguagem, somos por ela moldados. Depois de tanto ler, dialogar e escrever, já não posso apresentar desculpas para

responder à questão central deste trabalho se alguém me perguntar. Hoje, eu vejo a linguagem como uma capacidade humana de criar sentido sobre o mundo, a qual pode se valer da oralidade, bem como do sistema de escrita alfabético (considerando apenas a linguagem verbal) para expressar nossos pensamentos mais íntimos, como dizia Galileu.

No início deste TC assumimos como premissa a importância de se ter clareza acerca do conceito de linguagem para o fazer pedagógico porque o seu ensino e aprendizagem, em seus vários aspectos (linguísticos, interativo e sociocultural), são centrais em nossa atuação cotidiana em sala de aula. De acordo com a concepção de linguagem adotada pelos pedagogos e pedagogas, consciente ou não, será definido seu fazer pedagógico e assim influenciar na visão que os alunos construirão da mesma. Por isso, não basta sermos professores alfabetizadores, mas procurar ser bons profissionais, pois a qualidade de nosso trabalho irá moldar a formação básica das crianças, a qual é o fundamento e base de seu percurso formativo, e assim contribuir com a educação das novas gerações de nosso país.

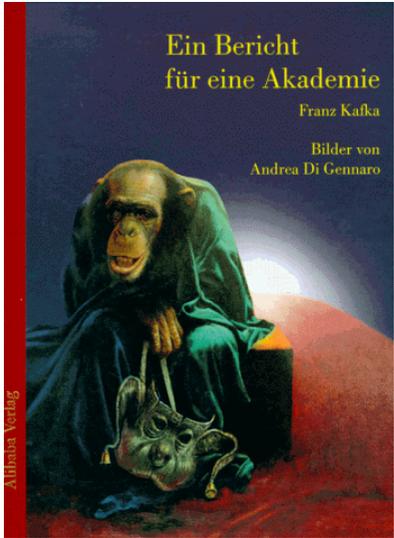
Gostaríamos também de apontar alguns desdobramentos sobre a temática, os quais nos ocorreram ao longo da pesquisa, mas não foram tratados: qual a relação entre os conceitos de linguagem encontrados na formação em Pedagogia da UFRGS com a perspectiva adotada na Base Nacional Comum Curricular? Como professores e pedagogos tratam a linguagem em sua atividade educativa em sala de aula? Qual a importância de se compreender a especificidade da linguagem humana em uma sociedade em constante mudança, principalmente no que tange a formação para a cidadania e o mercado de trabalho?

Por fim, gostaria de afirmar a importância da escrita deste TC na minha formação em Pedagogia ao proporcionar um tempo relativamente longo no estudo da temática da linguagem, seja por meio da leitura e pesquisa de obras de referência, bem como pelo diálogo generoso e rico com a orientadora e com os colegas. Que este texto possa reverberar na minha futura prática escolar e na de todos que o lerem, e que acreditem ser a educação parte essencial na construção de um presente e um futuro digno para todo ser humano que vive neste planeta.

POSFÁCIO

A título de ampliação de repertório e para alimentar mentes curiosas, apresentamos algumas obras culturais que de alguma forma tratam do tema ‘linguagem’.

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	IMAGEM
FILME E/OU CONTO	<p>O filme ‘A chegada’(2016), baseado no conto de ficção científica ‘História da Sua Vida’ (coletânea publicada pela Editora Intrínseca) de Ted Chiang, explora temas como o determinismo, a linguagem, e a hipótese de Sapir-Whorf. O enredo do filme/conto trata da chegada de naves extraterrestres e da tentativa dos governos entenderem a intencionalidade dessa chegada a partir da interpretação da linguagem desses seres. Será que vieram em missão de paz? Ou para conhecer nossas técnicas de preservação ambiental? Trailer oficial disponível em: https://youtu.be/rNciXGzYZms.</p> <p>A Chegada. Direção de Denis Villeneuve. EUA, 2016. (116 min.)</p>	 <p>Fonte: Reproduzida de Google Imagens.</p>

<p>CONTO</p>	<p>O conto ‘Um Relatório para a Academia’ (em alemão: <i>Ein Bericht für eine Akademie</i>) de Franz Kafka, escrito e publicado em 1917. Na história, um macaco chamado <i>Peter</i>, que aprendeu a se comportar como um ser humano, apresenta para a academia a história de como ele conseguiu sua transformação. Apesar do conto ser uma ficção, seria possível estabelecer algum paralelo com o surgimento da linguagem em nossa espécie?</p> <p>KAFKA, Franz. Um relatório para a academia. Disponível em: Um relatório para uma academia Acesso em: 08/11/21.</p>	 <p>Fonte: Reproduzida de Google Imagens.</p>
<p>CONFERÊNCIA</p>	<p>O psicólogo Steven Pinker, autor de vários livros sobre linguagem, dentre eles ‘O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem’ (Ed. Martins Fontes, 2002), realizou em 2011 uma conferência no Fronteiras do Pensamento, intitulada "Mente, linguagem e natureza". Há também várias entrevistas suas no YouTube.</p> <p>PINKER, Steven. Palestra proferida no Fronteiras do Pensamento, Porto Alegre, 2011. Disponível em: Steven Pinker (Parte I) e Steven Pinker (Parte II) Acesso em: 08/11/21.</p>	 <p>Fonte: Reproduzida de Google Imagens.</p>

**ENTREVISTA/
TESE**

Daniel L. Everett é um linguista estadunidense notório por seus estudos realizados sobre a língua pirahã no estado brasileiro do Amazonas desde 1977. Publicou a obra 'Linguagem: a história da maior invenção da humanidade' (2019).

- EVERETT, Daniel. A língua pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectiva e teoria. Tese. Universidade Estadual de Campinas. 1983. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270505>
Acesso em: 08/11/21
- EVERETT, Daniel. Palestra proferida no Conversa com Bial. Brasil, 10/2021. Disponível em: [Conversa com Bial | Linguista Daniel Everett desafia teoria da gramática universal em livro Assista online](#) Acesso em: 08/11/21.

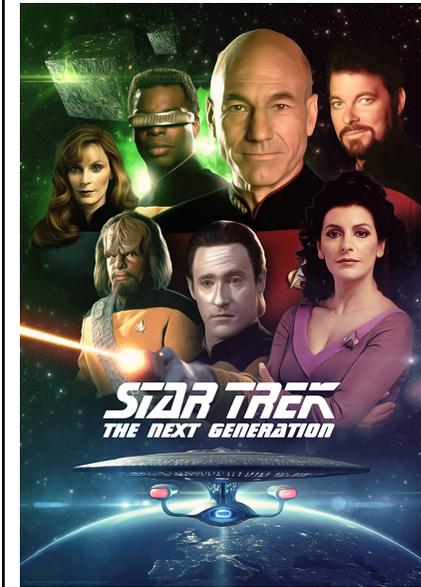


Fonte: Reproduzida de Google Imagens.

SÉRIE

O episódio 2 da temporada 5 da série de televisão **Jornada nas Estrelas: A Nova Geração (Star Trek: The Next Generation)**, intitulado 'Darmok', trata do contato do capitão da nave Enterprise com uma nave de Tamarianos. O problema central do episódio é entender a linguagem dos tamarianos para saber as suas intenções. Como podem duas espécies, com sistemas cognitivos diferentes, se comunicar? Wittgenstein sugeriu em sua obra 'Investigações Filosóficas' que *imaginar uma linguagem é imaginar uma forma de vida*. Mais pistas não posso dar! Episódio disponível na Netflix.

JORNADA NAS ESTRELAS. Produção de Gene Roddenberry. EUA, 1988.

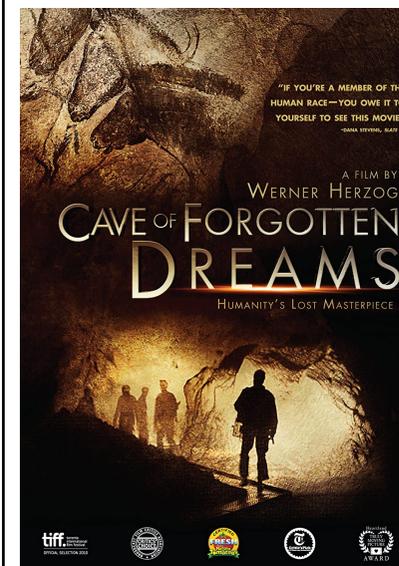


Fonte: Reproduzida de Google Imagens.

DOCUMENTÁRIO
O

No documentário **A Caverna dos Sonhos Esquecidos (Cave of Forgotten Dreams)**, de 2010, o diretor Werner Herzog e sua equipe têm a rara chance de explorar e filmar as Cavernas de Chauvet, na França, onde estão as pinturas mais antigas feitas pelo ser humano, criadas há 30 mil anos. Um dos documentários que mais me marcou. Olhar para as marcas dos nossos antepassados lança luz para o que eles foram e nos ajuda entender quem somos. Essas belíssimas pinturas rupestres são expressão incontestável da linguagem humana. Disponível na plataforma de streaming Mubi.com.

A CAVERNA dos Sonhos Esquecidos. Direção de Werner Herzog. França. 2010. 90 min.



Fonte: Reproduzida de Google Imagens.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. 1. ed. São Paulo: Penguin, 2017.

AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de. **Grupos de pesquisa e as tendências na ancoragem teórica para a alfabetização**. Resumo expandido. 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021). Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_10_20. Acesso em 30/10/21.

ARISTÓTELES. **A Política**. Disponível em: [Aristotle, Politics, Book 1, section 1253a](#)
Acesso: 11/10/21.

ANDRIOTTI, Carla Simone Ribeiro. **'Eu, o Kessi!': a construção da linguagem em crianças com autismo**. Porto Alegre: UFRGS. 2010. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25207> Acesso: 17/08/21

BEE, Helen.; BOYD, Denise. Cap. 8 - Desenvolvimento da Linguagem. *In: A Criança em Desenvolvimento*. 12. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2011, p. 227-252.

CARDOSO, Dorvalino. **Aprendendo com todas as formas de vida do planeta: educação oral e educação escolar Kanhgág**. Porto Alegre: UFRGS, 2014, TCC, Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103318> Acesso: 17/08/21.

CERONI, Bianca Costa. **Encontros com a fantasia : a linguagem e a infância na obra de Gianni Rodari**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/36318> Acesso: 17/08/21.

CHOMSKY, Noam. **Que Tipo de Criaturas Somos Nós?** Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

COSTA, Manoela Caurio da. **A construção de narrativas por crianças de segundo ano do ensino**. Porto Alegre: UFRGS. 2010, TCC, Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25242> Acesso: 17/08/21.

DICIONÁRIO DE TERMOS LINGUÍSTICOS. **Verbetes 'Linguagem'**. Disponível em: [Dicionário de Termos Linguísticos](#) Acesso: 23/09/21.

DUARTE, Maíra Abrunhoza de Martini. **Um estudo sobre a potencialização da compreensão leitora**. Porto Alegre: UFRGS. 2012, TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/63037> Acesso: 17/08/21.

ESCHER, Celine Lehmann. **'Tu não vais entender o que vou escrever, mas vou escrever mesmo assim' : um olhar pedagógico sobre a dislexia**. Porto Alegre: UFRGS. 2010, TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27389> Acesso: 17/08/21.

EVERETT, Daniel L. **Linguagem**: a história da maior invenção da humanidade. Trad. São Paulo: Contexto, 2019.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO. **Plano de ensino adaptado ao ERE**: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita. Porto Alegre: FAGED/DEC, 2020.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO. **Plano de ensino adaptado ao ERE**: Alfabetização: Concepções Teórico- Metodológicas. Porto Alegre: FAGED/DEC, 2020.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO. **Plano de ensino adaptado ao ERE**: Língua Portuguesa: Leitura, Produção de Texto e Análise Linguística. Porto Alegre: FAGED/DEC, 2020.

FERREIRA, Bruna Santos. **Professores nus** : os professores formadores como conteúdo-linguagem de e para seus alunos. Porto Alegre: UFRGS, 2008. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15998> Acesso: 17/08/21.

FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FLOR, Maria do Carmo Sant'anna. **Bilhetes escolares** : intermediando aprendizagens. Porto Alegre: UFRGS. 2012. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/55620> Acesso: 17/08/21

GALILEU GALILEI. **Diálogo sobre os dois principais sistemas do mundo**. Disponível em: [Dialogue Concerning the Two Chief World Systems](#) Acesso: 11/10/21.

GLOSSÁRIO CEALE. **Verbetes 'linguagem'**. Disponível em: [Linguagem | Glossário Ceale](#) Acesso: 23/09/21.

GOMES, Raquel Alves da Silva. **Berçário**: da linguagem dos bebês ao trabalho pedagógico. Porto Alegre: UFRGS. 2014. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103323> Acesso: 17/08/21.

GOULART, Cecília M. A. **A produção de textos escritos na alfabetização**: “era uma vez e os sete cabritinhos”. Niterói, RJ: EDUFF, 2020.

HARARI, Yuval N. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. 50. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

KRISTEVA, Julia. A linguagem, a língua, a fala, o discurso. *In*: **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 9-21.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: L.T.C., 2013.

MALUF, Maria R.; CARDOSO-MARTINS, Cláudia. (Org.) **Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MORAIS, Artur. G. de. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Carla Teresinha Gil de. **Articulando conhecimentos socioculturais, matemática e linguagem na EJA**. Porto Alegre: UFRGS, 2019. TCC, Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206707> Acesso: 17/08/21.

PEREZ, Nicole Fischer. **Práticas de leitura, escrita e oralidade: letramento com alunos alfabetizados**. Porto Alegre: UFRGS, 2013, TCC, Licenciatura em Pedagogia. /Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88147> Acesso: 17/08/21.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas Pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. 1. ed. Erechim: Edelbra, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

SOUZA, Daniela de Oliveira. **Quem conta um conto... aumenta um ponto! marcas textuais nas escritas infantis**. porto Alegre: UFRGS. 2010. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27391> Acesso: 17/08/21.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Concepções de Linguagem**. In: _____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009, p.21-23.

TRAVAGLIA, Luiz C. **Na Trilha da Gramática: Conhecimento linguístico na alfabetização e letramento**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

UFRGS. **Resolução do CEPE UFRGS nº 11/2013**. [RESOLUÇÃO Nº 11/2013](#) Acesso: 17/10/21.

VOLKMER, Daiane Carine. **Entre riscos e rabiscos : a visão das crianças sobre o desenho**. Porto Alegre: UFRGS. 2014. TCC. Lic. em Pedagogia. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103313> Acesso: 17/08/21.